

## O Decano da etnografia sul-america: vida e obra de Karl von den Steinen

Erik Petschelies

Universidade de São Paulo

2021

POUR CITER CET ARTICLE

Petschelies, Erik, 2021. "O Decano da etnografia sul americana: vida e obra de Karl von den Steinen", in *Bérose - Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie*, Paris.

URL Bérose : [article2527.html](https://berose.org/article2527.html)

article publisher ISSN 2648-2770

© UMR9022 Héritages (CY Cergy Paris Université, CNRS, Ministère de la culture)/DIRI, Direction générale des patrimoines et de l'architecture du Ministère de la culture. article copyright.

usage article

consulte le 29 de fevereiro de 2024 - 16h24min

Publié dans le cadre du thème de recherche « Anthropologie des basses terres sud-américaines », dirigé par Isabelle Combès (IFEA / CIHA, Santa Cruz de la Sierra / TEIAA Barcelona), Lorena Cordoba (CONICET/UCA, Buenos Aires / CIHA, Santa Cruz de la Sierra) et Diego Villar (CONICET/UCA, Buenos Aires / CIHA, Santa Cruz de la Sierra).

### Os anos de formação de Karl von den Steinen

As primeiras duas expedições etnológicas para a bacia do Rio Xingu, no Brasil Central, devem ser creditadas ao americanista alemão Karl von den Steinen (1855-1929), que em 1884 e em 1887-88 percorreu esta região até então considerada *terra incógnita* pela ciência. Além de inaugurar assim a etnografia indígena das terras baixas sul-americanas, evidenciando-as definitivamente para a antropologia, von den Steinen formulou os interesses intelectuais sobre as populações indígenas que acompanhariam etnólogos durante décadas, como linguagem, mitologia e arte. Suas publicações continuam relevantes, tanto como suporte etnológico e linguístico, quanto enquanto fonte histórica. Revelar como a antropologia entrelaçou-se à vida deste polímata é o intuito deste ensaio biográfico.

A 7 de março de 1855, Karl von den Steinen veio ao mundo em Mülheim an der Ruhr, na Província do Reno, localizada no extremo Oeste do Reino da Prússia. [1] Ele nasceu em uma família protestante, em que as linhagens masculinas eram devotadas à medicina. Seu bisavô e seu avô eram médicos, e seu pai, além disso, ainda foi agraciado com o altíssimo título honorário de *Geheimer Sanitätsrat* ("privy medical councillor"). [2] Profissionais liberais, como médicos e advogados, além de funcionários públicos, professores universitários e membros do clero, pertenciam a uma classe social, a *Bildungsbürgertum* (burguesia letrada),

que percebia a educação como a única maneira de ascensão social. [3] Ocupando um espaço institucional e acadêmico crescente desde o início do século XIX, a burguesia letrada encontrava-se em seu ápice no *Reich*, o Império Germânico, de maneira a constituir sua elite intelectual. O capital humanístico mobilizado pelos burgueses letrados causava notoriedade social, fundamentando sua influência política e cultural e justificando sua presença nas diversas esferas do Estado. [4] A família de Karl von den Steinen pertencia à *Bildungsbürgertum*, e ele principiava a galgar os mesmos passos que seus ascendentes. [5] Ele passou sua juventude em Düsseldorf, para onde seu pai que ficara viúvo em 1857 mudara-se. Entre 1871-72 ele estudou medicina na Universidade de Zurique, na Suíça, no ano seguinte na Universidade de Bonn, e, por fim, concluiu seus estudos na Universidade de Estrasburgo. Ali ele doutorou-se em 1875, na tenra idade de 20 anos, em medicina com uma tese sobre a influência da *psique* no quadro clínico da coreia, um distúrbio anormal de movimento involuntário. [6] Após a conclusão dos serviços militares, executados em Düsseldorf e em Dresden, Karl von den Steinen especializou-se em psiquiatria em Berlim e em Viena. Em 1878, ao obter o cargo de assistente do Prof. Carl Westphal no renomado hospital berlinense Charité e ter se licenciado em medicina, ele tornou-se o médico de menor idade de toda a Prússia. [7]

No mesmo ano, todavia, o jovem doutor licenciou-se para empreender uma viagem ao redor do mundo, com o intuito de aprender em diferentes nações métodos de tratamento para doenças psiquiátricas. Da cidade alemã de Bremen ele navegou para Nova York, onde visitou diversas instalações. De lá ele partiu via Havana, capital cubana, para o México e, então para São Francisco. Da costa Oeste dos Estados Unidos ele prosseguiu para o Havaí. Na lista de hóspedes de um hotel em Honolulu, a capital havaiana, von den Steinen leu o nome “Dr. Adolf Bastian”, o mais importante etnólogo alemão de sua época, que partira da Alemanha em 1878 para uma viagem que o levaria à América do Norte, Índia e Oceania. [8] Além de etnólogo, colecionador, viajante e médico, Bastian (1826-1905) fundara em 1873 o Museu Real de Etnologia de Berlim (Königliches Museum für Völkerkunde), uma das mais proeminentes instituições de seu gênero do mundo e do qual foi diretor até 1904.



Fig. 1

Karl von den Steinen (1886).

Fonte: Société de géographie de Paris / Bibliothèque nationale de France (BnF).

O encontro entre Adolf Bastian e Karl von den Steinen não acrescentava objetivos à viagem ao redor do mundo, mas alterou o rumo de vida do jovem médico e impactou definitivamente a história da etnologia. Bastian convenceu-o da importância de seu projeto antropológico, da necessidade de explorar as *terras incognitas* da América do Sul e de realizar coleções etnográficas de povos ameaçados de extinção, face aos avanços destruidores da cultura europeia e do capitalismo. [9] Em consequência imediata a esse encontro, von den Steinen começou a coletar artefatos etnográficos nas Ilhas Samoa, que ele alcançou a partir da Nova Zelândia, paralelamente à investigação clínica. [10] Navegando de ilha em ilha, von den Steinen ainda passou por Tonga e Fiji, e da Austrália seguiu para Java, Singapura, Vietnã e China, onde ele conheceu Hong Kong, Canton e Xangai. De lá von den Steinen viajou a Nagasaki, Kioto e Tóquio. No Japão ele iniciou o retorno para casa e navegou até Sri Lanka, cruzou por via terrestre a Índia, viajou até o Iêmen, atravessou o canal de Suez, percorreu a costa do Egito, de onde alcançou a Itália e, logo mais, a Alemanha.

Ao retornar para Berlim em 1881, ele apresentou-se novamente à ala psiquiátrica no hospital Charité, mas estabeleceu também seus primeiros vínculos com o círculo etnológico alemão, ao filiar-se à Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte (Sociedade berlinense de antropologia, etnologia e pré-história). Ele não permaneceu, entretanto, muito tempo em solo alemão, pois já no ano seguinte aceitou um convite para participar, na condição de médico de bordo e cientista natural, do Primeiro Ano Polar Internacional, uma expedição científica rumo ao polo sul formada por membros de doze nacionalidades. O grupo alemão alcançou a Ilha da Geórgia do Sul, no Atlântico meridional. [11] Von den Steinen atuou como mero auxiliar nas atividades de medição meteorológica e eletromagnética, dedicou-se, porém, à zoologia, sobretudo ao estudo de aves e pinguins, o que ele materializou em uma coleção zoológica e em publicações no domínio das ciências da natureza. Em 1883 o grupo alemão do Ano Polar retornou para casa.

No caminho o navio “Marie” ancorou em Montevidéu, onde von den Steinen permaneceu na companhia do físico e cartógrafo Otto Clauss (1858-91), também membro da equipe de exploração. [12] Von den Steinen, embebido pelo estímulo de Bastian e ciente de sua capacidade de concretizar grandes projetos, preocupava-se mais com a execução de tarefas urgentes no âmbito da geografia nos trópicos quentes da América do Sul do que em voltar para a rotina dos frios corredores hospitalares de Berlim. [13] Sob liderança do jovem von den Steinen iniciava-se ali a era das expedições do Rio Xingu no Brasil Central. [14]

## A primeira expedição ao rio Xingu (1884)

Wilhelm von den Steinen (1859-1934), primo de Karl, que retornava de uma viagem ao Paraguai, uniu-se aos dois na condição de desenhista da expedição. As metas exatas da empreitada foram discutidas com Bastian ao longo da viagem dos expedicionários ao Brasil. [15] O princípio adotado por von den Steinen, de para a execução de um projeto científico em região desconhecida era mandatário pesquisar a sua geografia, astronomia e etnologia, revela suas influências intelectuais e seu método investigativo. Dentre elas, a ideia de conexão cósmica de Alexander von Humboldt (1769-1859), para quem fenômenos físicos possuem uma “influência geral sobre o avanço intelectual da humanidade, nós encontramos o resultado mais nobre e mais importante como sendo o conhecimento de uma cadeia de conexões, através das quais todas as forças naturais são ligadas umas às outras e se tornam mutuamente dependentes”. [16] Da ideia da existência de uma interconexão entre todos os fenômenos naturais, incluindo a mente humana, duas interpretações podem ser depreendidas. Uma é a do geógrafo Friedrich Ratzel (1844-1904), segundo quem as forças de natureza agem decisivamente sobre as sociedades. A outra é a de Bastian: uma vez que a mente humana está conectada com ao ambiente, logo, para conhecer a mente é necessário investigar o ambiente. Essa interpretação, precisamente, foi adotada por von den Steinen, que tal como Bastian, era médico e possuía treino em ciências da natureza. Isso significa que a execução dessa pauta investigativa indica que *a priori* o método de pesquisa etnográfica de von den Steinen se sustentava na epistemologia das ciências da natureza: coleta empírica de dados de campo, classificação dos dados, análise comparativa e divulgação dos resultados.

De Montevidéu o grupo viajou a Buenos Aires e a Assunção, de onde em fevereiro de 1884 von den Steinen comunicou a um colega a escolha de seu trajeto de pesquisa: “No estudo das condições da Província de Mato Grosso, naturalmente se impôs a rota Cuiabá-Amazonas como projeto ideal, e acima de tudo, o Rio Xingu surge como um belo sonho, que talvez possa ser realizado”. [17] Os objetivos gerais da expedição foram, então, delineados: coleta de pensamentos elementares através da investigação das áreas privilegiadas por Bastian: mitologia, linguagem e formação de uma coleção etnográfica. A região do rio Xingu era considerada *terra incognita* para as ciências, pois ele nunca fora navegado em sua extensão e os relatos de viagem existentes eram incompletos, por isso, acrescentava-se às tarefas da expedição a cartografia do Rio Xingu e de seus afluentes, além de compreender a ocupação humana da bacia fluvial.

Em 20 de março os expedicionários deixaram Assunção, passaram por Corumbá e alcançaram Cuiabá por via fluvial em 30 de março. [18] A chegada ao Brasil imbricava-os em uma densa rede de relações políticas e de interesses estratégicos, formada por processos históricos complexos, de modo a criar um campo de disputas políticas e simbólicas. [19] Em 1884 o Brasil era um Império em declínio, governado um regente, Dom Pedro II (1825-91), respeitado mundo afora por suas inclinações intelectuais, mas mais interessado em ciência, linguística, literatura, etnografia e arte do que em atividades políticas. [20] Assim, as elites econômicas regionais, politicamente representadas em Câmaras provinciais, impunham ativamente uma agenda de aquisição de terras indígenas sustentadas por interpretações enviesadas das leis imperiais, mas sobretudo por massacres. [21] As pesquisas pioneiras de Karl von den Steinen no Xingu inseriram-se, portanto, em uma área de negociação política e de interesses estratégicos, em que o Imperador visava continuar fomentando sua fama de mecenas das artes e de “Magnânimo”, e os políticos regionais intencionavam apropriar-se dos resultados geográficos e etnológicos da expedição, pois além da avaliação da viabilidade da construção de uma estrada entre Cuiabá e Belém, elas necessitavam conhecer os povos indígenas e a sua localização, visando a expropriação de suas terras.

Como fora prometido pelo governo imperial, Manuel de Almeida da Gama Lobo Coelho d’Eça (1828-94), o Barão de Batovy, presidente da província do Mato Grosso, providenciou uma equipe militar para os expedicionários. Von den Steinen notou o risco de seu grupo ser então majoritariamente composto por militares sem qualificação científica e ignorantes da missão etnológica, como revelou a seu professor: “eu bem sei que isso talvez possa se tornar um fator infeliz na conta, mas apenas com nossos meios limitados não temos condição de contratar os acompanhantes necessários, aqui chamados de ‘camaradas’”. [22] O grupo permaneceu em Cuiabá em abril e maio de 1884 ocupado com os preparativos para a expedição. O financiamento foi oriundo de meios privados, o que dificultava a aquisição de equipamentos, animais e materiais, além do emprego de ajudantes. [23] Ficou acordado com o Museu de Berlim, que ao final da expedição Karl von den Steinen receberia 1500 marcos alemães que lhe seriam transferidos do Ethnologisches Hilfskomitee (Comitê de auxílio etnológico). [24]

Em 27 de maio de 1884 a equipe composta por Otto Clauss, responsável pelas medições geográficas e observações astronômicas, Karl von den Steinen, incumbido da coleta de material etnográfico e dos estudos antropológicos e etnológicos, e Wilhelm von den Steinen, a quem foi atribuída a tarefa de registrar artisticamente a expedição, partiu de Cuiabá. Eles foram acompanhados por dois serviçais, alguns homens fortes, 30 soldados armados, 24 bois carregando farinha de mandioca, carne, sal, feijão e cachaça, algumas mulas e seis cães. [25] No início de junho o grupo alcançou os “Bakaïri” no Rio Novo, uma das duas aldeias de índios “pacificados” (ou, como eram classificados na época, índios “mansos”), e no final do mês os do rio Paranatinga, um afluente do Teles Pires, que é um dos formadores do Tapajós. [26] No mês seguinte eles adentraram na primeira aldeia de povos sem contato, também Bakairi, mas localizados na região do um rio batizado por von den Steinen de Batovy. [27] Ali informou-se sobre os outros povos que habitavam na região. Os expedicionários se despediram dos Bakairi, continuaram a viagem pelo rio Batovy e logo chegaram às primeiras

casas dos Kustenau, habitadas por apenas 17 pessoas. O grupo prosseguiu viagem pelos rios Batovy, Ronuro e Xingu, onde eles se depararam um grupo de 43 homens Trumai, divididos em 14 canoas. Seguindo o curso do rio, eles alcançaram, no início de setembro, os Suyá. [28] Quando os expedicionários chegaram aos “Yuruna” na segunda metade de setembro, todos já haviam sofrido de febre intensa, calafrios, disenteria e estavam sendo medicados por von den Steinen com quinina, um alcaloide com funções analgésicas, antitérmicas e antimaláricas. [29] Em 12 de outubro o grupo partiu definitivamente do território indígena, carregando consigo uma coleção etnográfica e 33 animais vivos. Seguindo o curso do Xingu, que desemboca no rio Amazonas, eles chegaram em Belém em 30 de outubro. Lá von den Steinen recebeu os combinados 1500 marcos do Comitê de auxílio etnológico. [30] Os primos Karl e Wilhelm sofriam de forte febre (malária, provavelmente) e estavam anêmicos. Do Pará eles viajaram ao Rio de Janeiro, onde foram recebidos com um banquete pela sociedade geográfica, em que o próprio Imperador Dom Pedro II deixou-se informar dos resultados da expedição. Nessa ocasião, Dom Pedro II agraciou von den Steinen com o título de “Explorador” e Antônio Bakairi foi especialmente “mimado”. [31] Em 20 de janeiro de 1885, Otto Clauss, Wilhelm e Karl von den Steinen chegaram a Lisboa. [32] Na metade de fevereiro von den Steinen chegava em Berlim, para dar uma palestra para a sociedade de geografia (Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin).

Apesar de permanecer poucos dias em cada aldeia, von den Steinen montou uma coleção etnográfica avaliada por ele em 6 mil marcos. Ela foi vendida ao Museu de Antropologia de Berlim por 4.500 marcos, que somados aos 1.500 marcos previamente recebidos computavam o valor requerido pelo etnólogo. [33] Em reconhecimento à expedição, ele obteve um doutorado *honoris causa* da tradicional faculdade de filosofia da prestigiada Universidade de Halle e a medalha Carl Ritter da sociedade de geografia de Berlim. [34]

No ano seguinte, Karl von den Steinen publicou sua primeira monografia: *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884* (“Através do Brasil Central. Expedição para exploração do Rio Xingu em 1884”) em que relata sua expedição e divulga seus dados científicos. Seu desafio literário foi produzir uma obra com validação científica, mas que pudesse ser apreciada por burgueses letrados, sejam eles oriundos de outros domínios do saber ou apenas cidadãos cultos, porém leigos. Parece que von den Steinen visava criar para a etnologia um patamar literário e científico inaugurado por Alexander von Humboldt às ciências da natureza. Isso precisava ser realizado durante uma época em que as disciplinas das ciências humanas ainda estavam em processo de constituição e amadurecimento, atraindo e repelindo-se mutuamente, concorrendo e colaborando acerca dos seus domínios de expertise, para aliar certificação científica à notoriedade extra-acadêmica era primordial que o método analítico fosse sistematicamente estabelecido, o objeto de pesquisa singularmente delimitado e a apresentação dos resultados fosse construída por meio de um estilo literário único, capaz, ao mesmo tempo, de unir rigor científico com narrativa cativante. A obra é narrada em primeira pessoa, abordando os eventos da expedição em ordem cronológica, ao modo de um diário de campo, fundamentalmente ancorada na literatura de viagem. Ironias, passagens bem-humoradas e



críticas aos comportamentos morais alheios não são características apenas deste livro, mas de sua produção acadêmica e de sua escrita pessoal. Os capítulos finais abarcam os resultados etnológicos, linguísticos, geográficos e antropológicos da expedição. Sua contribuição a estas disciplinas – além do mérito de ter fundado os estudos americanistas modernos – foi amplamente reconhecida em uma resenha de sua obra *Durch Central-Brasilien* escrita pelo importante antropólogo e sanitarista Rudolf Virchow (1821-1902) na *Zeitschrift für Ethnologie* (Revista de Etnologia). Além desses feitos, Virchow elogia a narrativa de von den Steinen: é possível “sentir a impressão imediata do observador, ver e ouvir, por assim dizer, com seus órgãos sensoriais”. [35] A sua única ressalva foi quanto à ausência de dados antropológicos, sobretudo considerando que von den Steinen levava ao campo um aparelho de craniometria inventado por Virchow. [36]

## A segunda expedição ao Xingu (1887-88)

Em virtude dos resultados exitosos da expedição ao Xingu, e considerando a possibilidade de realizações ainda mais promissoras nos campos de antropologia física, etnografia e linguística e, sobretudo, diante da oportunidade de contatar mais povos isolados, como prenunciado pelo informante Suyá, Karl von den Steinen se preparava desde 1886 para uma segunda expedição para a mesma área de pesquisa. Desta vez, entretanto, ele não tinha recursos familiares à sua disposição e, portanto, dependia de fontes de financiamento. [37] Sua candidatura para o cargo de secretário geral da sociedade de geografia de Berlim tinha como propósito angariar fundos para a expedição, mas von den Steinen não conseguiu a vaga. Apesar de seus êxitos científicos, ele temia ter que retomar sua ocupação como psiquiatra. [38] Por fim, von den Steinen recebeu verbas da Fundação Carl Ritter da Sociedade Geográfica de Berlim (Carl-Ritter-Stiftung der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin), além de 7 mil marcos da Fundação Alexander von Humboldt (Alexander-von-Humboldt-Stiftung), por meio do auxílio de Virchow e do famoso cientista Emil du Bois-Reymond (1818-96), fundador da eletrofisiologia experimental. Assim sendo, o orçamento inicial para a segunda expedição em muito superava o gasto total da primeira.

Assim, no início de 1887 von den Steinen partiu da Alemanha, novamente acompanhado por seu primo Wilhelm. Juntaram-se a eles o matemático Peter Vogel (1856-1915), que von den Steinen conhecia da expedição à Geórgia do Sul e que seria responsável por observações astronômicas e cartográficas, e Paul Ehrenreich (1855-1914), encarregado das medições antropológicas e dos registros fotográficos. [39] Este provavelmente foi indicado por Virchow, que se entusiasmou com as conclusões antropológicas e fotográficas de sua expedição ao Rio Doce em 1885. Vogel recebeu apoio financeiro da Fundação Carl Ritter da Sociedade Geográfica de Berlim e Ehrenreich financiou sua participação com recursos próprios. A sua chegada ao grupo de pesquisadores demonstra que von den Steinen compreendia a necessidade de apresentar dados antropológicos mais consistentes e também de acompanhar o desenvolvimento da tecnologia a serviço da ciência.

Em fevereiro de 1887 o grupo chegou ao Rio de Janeiro, onde se reuniu com autoridades

governamentais e intelectuais brasileiros. Em Petrópolis Karl von den Steinen foi recebido pelo próprio Imperador em seu palácio. [40] O governo imperial brasileiro continuava acompanhando com a atenção as empreitadas de von den Steinen, de modo que ele foi convidado a proferir uma palestra na sede da Sociedade de Geografia, em que ele apresentou os resultados geográficos, etnológicos e linguísticos da primeira expedição ao Xingu. [41] Do Rio de Janeiro os expedicionários viajaram ao sul do país, onde von den Steinen compôs uma coleção constituída por três caixas de “ferramentas de pedra, amostras de cacos, crânios” e uma por “arcos e flechas” dos índios “Bugres”. [42] Para cobrir as despesas de viagem, von den Steinen, que em correspondência com Adolf Bastian frisou ser “agente voluntário do Museu”, pediu 1.000 marcos pelas quatro caixas. [43] De lá os expedicionários viajaram a Cuiabá via Montevideú, Buenos Aires e Assunção. Em 28 de julho de 1887 o grupo, formado por doze pessoas, incluindo dos camaradas gaúchos de origem alemã e o tradutor Antônio Bakairi, iniciou a jornada. [44] O objetivo da viagem era não era a exploração das regiões adjacentes ao rio Xingu, mas a pesquisa sistemática da região do Coliseu, um tributário do Kuluene, afluente oriental do Xingu. Os expedicionários visitaram várias aldeias Bakairi, e seguiram até os Nahukwá. Acompanhado por apenas um guia Bakairi, von den Steinen decidiu encontrar-se sozinho com os Mehinako. Em sua aldeia ele permaneceu por alguns dias, montou uma bela coleção etnográfica e seguiu viagem aos Aweti, de onde prosseguiu até a aldeia dos índios Yawalapiti. Eles se hospedaram ali por dois dias, retornaram aos Aweti e três dias mais tarde já estavam a caminho dos Kamaiurá, onde chegaram em 21 de outubro. [45] Quatro dias depois os expedicionários iniciaram o percurso de retorno, em direção aos Yawalapíti e no caminho eles depararam-se com os temidos Trumai, com quem, todavia, o contato foi amigável. Em 13 de novembro os expedicionários chegaram de volta a um posto montado para descanso no caminho de ida. De lá eles seguiram a pé até Cuiabá, aonde chegaram no último dia do ano de 1887. [46]

Von den Steinen ainda queria estudar os Bororo e os Paresí. [47] Como esses povos localizavam-se demasiado distantes um do outro, ele protocolou um requerimento ao presidente da Província pedindo que alguns Paresí fossem deslocados até Cuiabá. O americanista encontrou-se com eles em Diamantino. Das doze pessoas, quatro consideravam-se Paresí, quatro “Waimaré”, e as demais “Kaschinití”, o que posteriormente seria identificado como sendo dois subgrupos Paresí. Em março de 1888 von den Steinen, Ehrenreich, Antônio Bakairi e alguns camaradas deslocaram-se até os Bororo. As cinco décadas de campanhas de extermínio organizadas pelos governos imperial e provincial, e que eram conhecidas pelo eufemismo “guerras de pacificação”, culminaram na rendição dos Bororo e no seu estabelecimento em duas colônias militares para catequese, “Isabel” e “Thereza Christina” e precisamente a essa os expedicionários se dirigiram. [48] Thereza Christina possuía aproximadamente 50 funcionários, como soldados e guardas e 200 índios, incluídas as crianças. Os expedicionários permaneceram nela por quase um mês. Dia 18 de abril os expedicionários deixaram a colônia e marcharam até a aldeia Bakairi no Paranatinga, de onde seguiram até Cuiabá. Antônio levou consigo uma viúva Bororo e seu filho de cinco ou seis anos. Para o americanista a expedição não poderia ter um final mais



celebratório, do que através da união dos dois grupos aos quais ele se dedicou mais profundamente: Bakairi e Bororo.

Em missiva a Bastian, o americanista pormenorizou a enorme coleção etnográfica formada no Brasil. Ela era constituída por impressionantes 1235 objetos provenientes dos Bakairi, Nahuquá, Mehinako, Aweti, Yawalapiti, Waujá, Trumai, Paresí e Bororo. Em suma, “a coleção procede de tribos desconhecidas até então, as quais ainda vivem na idade da pedra pré-colombiana”. [49] Ele calculou que a expedição lhe custou 36 mil marcos e ofereceu a coleção por 15 mil marcos ao Museu de Antropologia de Berlim. Por fim, a coleção foi vendida por 13 mil marcos para a Humboldt-Stiftung (Fundação Humboldt). [50] Von den Steinen e Ehrenreich ainda formaram uma coleção zoológica, que também foi enviada a Berlim.

De Cuiabá os primos se deslocaram ao sul do país, onde permaneceram por um mês pesquisando, visitando pessoas e descansando. Von den Steinen ainda adquiriu uma pequena coleção etnográfica oriunda da missão jesuítica de São Leopoldo. De lá, eles seguiram ao Rio de Janeiro, onde o etnólogo apresentou novamente os resultados de sua expedição à Sociedade de Geografia. Do Rio de Janeiro, Peter Vogel, Karl e Wilhelm von den Steinen retornaram para a Alemanha. Não apenas a expedição, mas também os dois livros publicados por von den Steinen baseados no material do trabalho de campo, tornaram-se marcas na etnologia indígena das Terras Baixas Sul-Americanas.

*Die Bakairi-Sprache* (“A língua Bakairi”) foi publicada em 1892 e dois anos mais tarde *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens* (Entre os aborígenes do Brasil Central). [51] O primeiro livro consiste em um estudo completo da língua Bakairi, o segundo é a monografia que detalha a segunda expedição ao Xingu. *Die Bakairi-Sprache* é composto por um dicionário alemão-Bakairi / Bakairi-alemão, análise gramatical e morfológica da língua Bakairi, de sua pronúncia e comparação com outras línguas Karib, além de um conjunto de frases em Bakairi com tradução interlinear em alemão. Dentre essas frases os mitos têm papel central: lendas de criação, mitos sobre animais e mitos sobre os gêmeos demiurgos Kemi e Keri foram transcritos em Bakairi. Com suas mais de 400 páginas, *Die Bakairi-Sprache* é a primeira obra dedicada inteiramente a uma língua indígena do território brasileiro e a textos míticos transcritos *ipsis verbis*.

Em *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens* há uma divisão entre a narrativa de viagem e a apresentação dos resultados. O subtítulo da obra já revela a categorização analítica proposta por von den Steinen: *Reiseschilderung und Ergebnisse der zweiten Schingú-Expedition 1887-1888*, quer dizer, “descrição da viagem e resultados da segunda expedição ao Xingu, 1887-1888”. Ao separar a descrição da expedição da análise de seus resultados, o que ele já fizera em sua obra anterior, ele consolidou definitivamente o modelo etnográfico americanista alemão, em que o detalhamento de apreensão dos dados de campo precede sua investigação minuciosa. Os capítulos refletem tanto questões demandadas pela academia alemã, quanto seus próprios interesses intelectuais: cultura material, mitologia, arte e linguagem. A obra de von den Steinen não criou apenas o método sul-americanista de pesquisa de campo, como também a

apresentação e análise dos dados, como ela também foi profundamente influente em campos específicos, como o da mitologia e sobretudo da teoria da arte. [52]

## Alemanha, e ao campo mais uma vez

Em 1889 Karl von den Steinen casou-se com Rosa Eleonora Herzfeld (1867-1944) e habilitou-se para a livre-docência (*Habilitation*) na faculdade de filosofia da Universidade de Berlim. Em sua tese de livre-docência, *Erfahrungen zur Entwicklung des Völkergedankens* (“Experiências para o desenvolvimento do pensamento étnico”) von den Steinen buscou fundamentar as hipóteses de Adolf Bastian sobre material etnográfico xinguano. [53] Trata-se, provavelmente, de uma ampliação de sua quase homônima palestra de 1889, *Erfahrungen zur Entwicklung der Völkergedanken* (“Experiências para o desenvolvimento dos pensamentos étnicos”). [54] Um dos avaliadores da tese de livre-docência o filósofo hermeneuta Wilhelm Dilthey (1833-1911), teceu críticas à metodologia comparativa de von den Steinen e às especificidades da etnologia perante as demais disciplinas das ciências humanas. Dilthey, segundo Hans-Georg Gadamer, teria fundamentado a pesquisa filosófica, e mais abrangentemente todas as ciências humanas, as assim chamadas ciências do espírito, *Geisteswissenschaften*, em rigorosa apropriação epistêmica das ciências da natureza. [55] Por isso, seria possível apreender os dados empíricos do mundo espiritual com objetividade científica, como um texto a ser lido em que todas as letras e palavras possuem significado, o que, afinal, promoveria a criação de verdades gerais. [56] Este método comparativo supra-subjetivo situa-se, no entanto, além dos limites práticos e epistêmicos da etnografia.

No ano seguinte, von den Steinen alterou seu processo de habilitação para a Philipps-Universität de Marburg, onde o concluiu e assumiu a cadeira de *Völkerkunde* (“etnologia”). Nessa pacata cidade, ele poderia “avaliar os resultados de viagem com calma” e redigir suas duas obras baseadas no material xinguano, *Die Bakairi-Sprache* e *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*. [57] Em Marburg von den Steinen lecionou disciplinas relativas à origem da arte e sobre ornamentação geométrica entre os povos xinguanos – tópicos estritamente relacionados ao seu trabalho de campo no Brasil. Em 1890 nasceu nessa cidade o primeiro filho do casal, Helmut von den Steinen (1890-1956).

Dois anos mais tarde, no entanto, o americanista pediu demissão da universidade, alegando que a existência de um museu de antropologia seria fator determinante para a atividade científica de sua área. Em seu pedido de demissão, ele escreveu ao conselho universitário: “como eu aprendi gradativamente, trabalho etnológico frutífero não é possível [...] sem o material de um museu”. [58] Ele retornou a Berlim, onde nasceram seu segundo filho, Wolfram von den Steinen (1892-1967) e sua primeira filha, Herlinde von den Steinen (1893-1967). Em 1893 ele tornou-se diretor-assistente da seção americanista do Museu Real de Antropologia de Berlim e, motivado pelos seus interesses por índios norte-americanos e a feira mundial de Chicago, fez uma viagem aos Estados Unidos. [59] O americanista exerceu diversas atividades no âmbito da geografia: foi editor da revista *Das Ausland*, em 1894 entrou para o conselho da Gesellschaft für Erdkunde (Sociedade de Geografia) e no ano seguinte

representou a sociedade alemã de Geografia no congresso internacional em Londres. [60] Em 1896 nasceu seu filho Rainar von den Steinen (1896-1914) e logo em seguida sua filha Runhilt von den Steinen (1897-1976).

Em 1897 von den Steinen partiu novamente da Alemanha para uma expedição, a cargo do Museu de Antropologia de Berlim: ao Arquipélago das Marquesas na Polinésia francesa. O desejo de realizar uma viagem ao Pacífico Sul era antigo. Em 1885, antes mesmo de publicar os resultados de sua primeira expedição ao Xingu, Karl von den Steinen já cogitara realizar uma viagem às ilhas de Nova Guiné ou Nova Irlanda, caso ele recebesse uma tarefa do Museu de Antropologia de Berlim, como revelado em carta: “Pois a paixão pelas ilhas do Pacífico sul eu compartilho com os capitães das velas, que também não se sentem melhor em lugar algum do que entre os Kanaka”. [61] A paixão floresceu precisamente naquela sua primeira volta ao mundo, entre 1879 e 1881.

Em 27 de maio ele partiu de Liverpool, na Inglaterra, para Quebec no Canadá. [62] De lá viajou para Vancouver e a São Francisco, onde chegou dia 1 de agosto de onde partiu um navio que o levou a Nuku Hiva, a maior das três ilhas Marquesas. [63] A pesquisa empírica empreendida por von den Steinen no Pacífico Sul fê-lo percorrer ilha após ilha e aldeia após aldeia durante seis meses. Assim, embora em outra região geográfica, o que implica distintas discussões etnográficas, von den Steinen, todavia, privilegiava, tal como ocorrera no Xingu, uma etnografia do fluxo, que, por um lado, evitava períodos estacionários, por outro, propiciava compreender as conexões entre grupos sociais e indivíduos, evidenciando trocas, transformações e apropriações de bens materiais, cultura imaterial, linguagens e mitos.

O retorno para seu país levou-o novamente aos Estados Unidos, onde visitou museus etnográficos, alguns dos quais recomendados pelo seu amigo Franz Boas (1858-1942). [64] Em 1900 o etnólogo viajou a Paris para participar do Congresso de Americanistas. Em decorrência de conflitos na agenda internacional de congressos, poucos estudiosos europeus tomaram parte das conferências. As contribuições de colegas norte-americanos, todavia, foram fundamentais. [65] A conexão de von den Steinen para com os Estados Unidos tornava-se cada vez mais intensa. Para atender ao Congresso dos Americanistas de Nova York, do qual ele foi presidente de honra, o etnólogo viajou dois anos mais tarde àquela cidade. Ao fim do encontro acadêmico, von den Steinen visitou os museus etnográficos de New York e Philadelphia, além do Field-Museum em Chicago, o National Museum em Washington e o Peabody-Museum em Boston. O congresso e as visitas aos museus causaram um impacto intelectual em von den Steinen, cuja repercussão é notória nos artigos que escreveu relatando suas experiências norte-americanas. [66]

Ele reportou que se os americanistas europeus não empregaram todos os meios possíveis, o futuro dos estudos dessa região se alocará nos Estados Unidos. As coleções migrarão para lá, junto com todo o conhecimento que pode ser apreendido delas. Ele questionava-se até quando teria sentido hospedar congressos na Europa, dada a quantidade de estudiosos residentes na América do Norte. Ele também detalhou a “Jesup North Pacific Expedition” (1897-1902), liderada por Boas. A expedição já havia impressionado o americanista antes

mesmo de sua conclusão de tal sorte que ele escreveu a Boas convidando-o para apresentar uma palestra no congresso alemão de geografia e a Jesup reafirmando da importância dessa exposição. [67] Ao comparar as pesquisas etnológicas e os museus norte-americanos com seus correspondentes alemães, von den Steinen frisava que as instituições alemãs tinham como única vantagem possuir coleções mais completas oriundas de mais partes do globo. No entanto, em termos de organização e estruturação os museus e a etnologia alemã estavam tão atrasados em relação aos Estados Unidos que meramente tomar parte nos debates científicos norte-americanos seria vantajoso aos intelectuais alemães, porque dado o estado de arte o mundo acadêmico estado-unidense estava além do poder de compreensão dos germânicos.

As críticas aos museus alemães feitas por von den Steinen se sustentam tanto em sua *expertise* como funcionário de uma instituição dessa natureza, quanto nas suas experiências como visitante de museus ao redor do mundo, de modo a construir um conhecimento comparativo. Além disso, o americanista discutia com seus colegas sobre a situação dos museus na Alemanha e alhures. A Boas, por exemplo, von den Steinen pediu detalhes do planejamento – plano geral, fotos, detalhes das salas – do museu que o colega alemão intencionava construir nos Estados Unidos. [68] Em contrapartida, Boas questionou o amigo sobre a vida financeira do museu de Berlim. [69] Assim, von den Steinen construía as possibilidades de avaliação crítica interna e externa às instituições museais. As críticas de von den Steinen aos museus e aos seus dirigentes abordam também aspectos financeiros e os entrelaçamentos das relações de poder entre governos regionais, diretores e funcionários de museus – aspectos tão bem analisados por H. Glenn Penny. [70] Em missiva a Boas, von den Steinen queixou-se das condições financeiras do Museu de Antropologia de Berlim: o “nosso miserável orçamento anual mal é suficiente para a compra de uma única coleção decente”. [71] Ele também denunciou ao amigo o Conde Karl von Linden (1838-1910), que teria usado o Congresso de Americanistas de 1904, realizado em Stuttgart, como meio de propagando para seu próprio museu de antropologia, impedindo qualquer fluxo financeiro para outros museus, de modo que na cidade “ninguém mexe um dedo, seja para pagar, seja para trabalhar”. [72]

De certa maneira o Congresso de Americanistas de 1904 coroou a atuação de von den Steinen neste campo de estudos. Embora ele já tenha sido presidente de honra de encontro anterior, e presença ilustre em qualquer evento de antropologia ou geografia, e sua primeira expedição ao Xingu datava de duas décadas antes, mas ainda eram referências epistemológicas, bem como sua produção americanista era fundamental, além do seu duradouro impacto na teoria da arte, ter sido o presidente do comitê organizador, do qual também eram parte o mesoamericanista Eduard Seler (1849-1922) e Conde Karl von Linden, e do próprio congresso consolidou sua reputação como o maior especialista vivo no campo de estudos dos povos indígenas das terras baixas sul-americanas. Buscando internacionalizar o congresso, von den Steinen pediu que a colaboração de Boas, que, de fato, foi relevante para a organização: ele indicou ao colega instituições nos Estados Unidos, no Canadá e na Rússia que poderiam enviar delegados ao congresso, citou nominalmente pesquisadores inclinados

a viajar para Stuttgart, distribuiu panfletos e programas entre seus pares da América do Norte, onde também articulou apoios diplomáticos. [73] Com von den Steinen e Seler, Boas ainda discutiu os planos para a realização dos eventos seguintes, um, dois anos depois em Quebec no Canadá, e outro em 1910 em Buenos Aires, capital da Argentina. Além de nobres, como o próprio Karl von Linden e a princesa Therese da Baviera (1850-1925), importantes nomes da antropologia mundial além de Boas e von den Steinen compareceram ao congresso, como Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) e Alfred Kroeber (1876-1960). [74] Von den Steinen exerceu o papel de anfitrião do evento: onipresente, seja em pessoa, seja como citação.

Como chefe da seção americanista do museu de Berlim, von den Steinen era responsável pela ampliação do acervo – através da compra, permuta ou financiamento de expedições – e pela sua comunicação. Assim, ele, por um lado, se empenhava em complementar as lacunas regionais ou étnicas, e, por outro, demonstrava a complementação do acervo museológico através de publicações em revistas de antropologia. [75] Na transição entre aquisição de objetos e comunicação ao público, situa-se a exposição museológica, também de responsabilidade e interesse de von den Steinen e precisamente aí se situam seus pedidos de auxílio a Boas, que fornecia relações de museus norte-americanos dignos de visita, ideias museológicas e também peças etnográficas, e a administração de expedições etnográficas à América do Sul, como a de Koch-Grünberg aos Rios Negro e Japurá entre 1903 e 1905 e a participação em comitês para angariar fundos para expedições. Além disso, ele era um dos responsáveis por comunicar ao público o estado da arte dos empreendimentos etnográficos e arqueológicos apoiados pelo museu. [76] Paralelamente ao trabalho na seção americanista do museu, von den Steinen publicava artigos e resenhas dos livros de coleções, sobretudo na *Globus* e na *Zeitschrift für Ethnologie*. [77]

Na Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, a sociedade de antropologia berlinense, Karl von den Steinen era particularmente ativo. Nas reuniões ele apresentava palestras ou assistia a elas, participava de debates e divulgava informativos. Desde 1897 ele era membro do comitê da revista produzida pela sociedade, a *Zeitschrift für Ethnologie* e em 1904 começou a integrar a sua comissão de redação. A partir de 1904 o americanista ocupava continuamente a suplência do presidente da sociedade, e exercendo sua função, ele presidiu inúmeras reuniões, algumas contando com Boas entre os participantes. [78] Em 1904 ele foi eleito presidente da sociedade, mas precisou desistir de tomar posse do cargo. No ano seguinte ele retornou às funções de suplente da presidência e membro da comissão da redação da revista, as quais ele ocupou nos anos seguintes. [79]

Neste mesmo ano, von den Steinen pediu demissão da Universidade de Berlim e tornou-se diretor da seção americanista do Museu, da qual ele já era chefe. Ele tornou a dedicar-se a línguas indígenas, publicando o dicionário shipibo-castelhano-alemão e um artigo sobre línguas polinésias. [80] A decisão de desligar-se da universidade, todavia, não foi tomada em contexto de ausências de dúvidas em relação a futuro profissional. Ele acreditava estar desprovido de possibilidades de ascensão na carreira universitária, pois os cargos mais

importantes seriam ocupados por outros intelectuais relacionados ao círculo acadêmico de Berlim, como o mesoamericanista Eduard Seler, o etnólogo Paul Ehrenreich ou o antropólogo Felix von Luschan (1854-1924). Até mesmo Boas, que desde o início do século tinha desavenças com a direção do American Museum of Natural History, poderia obter um cargo na universidade, pensava von den Steinen, caso o quisesse e respondesse publicamente a uma “questão delicada”, a saber, sobre sua religião. [81] Em missiva a Boas, von den Steinen confessou: “Eu deveria saber, eu sempre ouço, se o senhor é batizado ou se o será eventualmente. Por favor, escreva-me sobre isso *o quanto antes*, uma vez que não posso ter a conferência com Richthofen, que me é tão importante, sem saber se aqui o regimento de Althoff representa um obstáculo *absolutamente intransponível*”. [82] Por não ter obtido resposta, um mês mais tarde von den Steinen se dirigiu novamente a Boas, detalhando sua percepção do cenário universitário em que seus colegas e ele estavam inseridos. Sobre uma vaga na universidade:

“Para alcançá-la, com as forças dadas aqui, é preciso uma habilidade incomensurável desconhecida. Luschan vai para a Antropolog., Seler vai conseguir a cátedra com bolsa Loubat e Ehrenreich vai se tornar no máximo professor extraordinário. Somente por isso é um perigo se essa renovação ocorresse *agora*, muito certamente nenhum progresso verídico seria possível. O senhor também apenas tem chances, se a enfadonha pergunta religiosa *não* existisse. Uma vez que eu escrevi isso ao senhor, o senhor também precisa saber que todos os outros pontos apenas constituem dificuldades, mas esse significa uma impossibilidade, assim eu me contento com o seu silêncio a respeito disso e a sua demora para com os outros. Ao diabo todos os preconceitos, também os seus e os meus!” [83]

A resposta de Boas é inquestionável quanto à manutenção da privacidade de sua esfera pessoal, bem como da alocação definitiva em território norte-americano:

Está absolutamente fora de questão que eu me manifeste *de qualquer maneira* com respeito às minhas circunstâncias pessoais na pergunta proposta pelo senhor. Uma vez que eu circunscrevi há 19 anos minha atuação completamente ao território americano, enquanto o senhor, Seler, von Luschan, Ehrenreich etc empenharam-se aqui, eu julgaria como altamente incabível, se eu fizesse algo que pudesse produzir a impressão que eu gostaria de colher os frutos do seu trabalho. Na minha opinião, o senhor melhor do que ninguém pode inaugurar um futuro para a disciplina na universidade. Talvez o senhor devesse se apoiar um pouco em Dilthey, Stumpf, Schmoller do que em Richthofen, uma vez que os citados filósofos têm declaradamente uma compreensão para a faceta filosófica geral da antropologia, enquanto o interesse de Richthofen se direciona para a geografia. O senhor precisaria se posicionar entre os dois grupos e aproximar-se do Novo Mundo antes através de discussões do que por meio de colegas sistemáticos. Tente-o! O nosso sucesso em NY deve-se unicamente ao contato íntimo com filosofia e sociologia. Eu não pude realizar o desejado contato com a história por causa da estupidez do nosso historiador. [Aproveite a situação e conceba um professorado catedrático. [84]] Eu acredito que nos citados filósofos o senhor encontrará um interesse por um professorado catedrático em



antropologia, que está se tornando uma necessidade.” [85]

Apesar do incentivo de Boas, von den Steinen optou por dedicar-se ao Museu de Antropologia de Berlim e aos seus estudos. Isso não excluía, todavia, a orientação de estudantes. Boas, por exemplo, pediu a von den Steinen que ele, Seler ou talvez Luschan, orientassem um aluno seu de doutorado, Alexander Goldenweiser (1880-1940), que advindo da sociologia, carecia de conhecimentos básicos em antropologia. [86] A tarefa coube, por fim, a von den Steinen. [87] Ainda em 1905 o etnólogo tornou-se membro de instituições norte-americanas: a *New York Academy of Sciences* e a *Anthropological Society of Washington*. [88] No interim de suas mudanças institucionais também nasceram seus três últimos filhos: Diether (1903-54), Ursula (1904-87) e Marianne von den Steinen (1906-97). A cooperação entre Boas e von den Steinen estendia-se além da troca de informações sobre museus, orientação de estudantes ou leituras mútuas das obras um do outro: um etnólogo intervinha diretamente nos textos do outro. Assim como von den Steinen corrigiu um artigo de Boas sobre tipos linguísticos americanos, o pai do culturalismo norte-americano foi responsável pela publicação da trilogia marquesa de seu amigo. [89]

Neste ano faleceu Adolf Bastian, principal nome da antropologia alemã. Von den Steinen, como os demais funcionários do museu, estava acostumado à personalidade algo errática do velho mestre. No ano anterior, por exemplo, von den Steinen escrevera a Boas: “Bastian voltou”, o que era, de fato, um acontecimento repentino. [90] Da mesma maneira que Bastian ocultava-se do museu, ele desaparecia para suas expedições mundo afora: “Há aproximadamente 14 dias Bastian realmente sumiu outra vez. Ele levou um estenótipo e uma máquina de escrever consigo, de modo que ele se sentirá bem onde quer que desembarque. Ele mesmo não sabia informações mais precisas sobre seu destino de viagem. Ele pensou na ‘linha do Equador’”. [91]

Em um destes retornos inesperados, Bastian, narrou von den Steinen a Boas, “já me deu uma palestra sobre a alma, não é a nossa *psyche*, mas a  $\Psi$ . αἰσθητικὴ de Aristóteles, a que chamamos assim”. [92] Trata-se, de certa maneira, de uma reinterpretção de um ponto fundamental da filosofia antropológica de Bastian. Conhecido por considerar a unidade física da espécie humana, opondo-o às concepções pseudocientíficas racistas da virada do século, Bastian também advogava por um conceito que unia transcultural- e ahistoricamente a humanidade. Sua concepção de *Elementargedanke*, o pensamento mais elementar produzido pela mente, pressupunha a existência de um modo de operação racional único e imanente ao funcionamento da mente, que se transformaria em diferenças culturais através dos “pensamentos étnicos”, os *Völkergedanken*. [93] O que une os homens, portanto, é a lógica intrínseca ao modo de racionalizar alguns fundamentos presentes em todas as constituições mentais, lógica essa, passível de transformação e exposta em expressões étnicas de pensamento. A ideia de que a unidade humana se expressa na diversidade cultural e que a diversidade é possibilitada pela unidade da mente humana foi apreendida por Bastian de Herder. A etnografia de salvação promulgada por Bastian, de acordo com a qual era preciso coletar o máximo possível de objetos etnográficos mundo afora, dado que os povos

tradicionais desapareciam em face do poder do capitalismo e da cultura europeia, mas também sua ânsia recolher índices dos pensamentos elementares, explicitados em números e mitos, dentre outras expressões culturais, tornaram-se agenda de pesquisa dos etnólogos do Museu de Berlim, como do próprio von den Steinen. Os resultados de pesquisa de antigos pupilos, como Franz Boas, continuavam interessando-o pelo seu potencial. Von den Steinen comentou com seu amigo Boas: “Ele perguntou calorosamente pelo senhor, ele te ama muito. Seus esquimós têm um montão de pensamentos elementares”. [94] Isso significa que a “palestra” de Bastian sobre a alma humana aciona mais um elemento ao complexo arranjo conceitual que caracteriza seu pensamento. O conceito de *Ψυχὴ αἰσθητικὴ*, *psique áisthetike*, é exposto na complicadíssima obra aristotélica *De Anima*. Muito resumidamente, quase levianamente, *De Anima* é um tratado de filosofia natural, em que Aristóteles investiga o princípio de vida do ser animando, um ser dotado de *psykhê*, que opõe-se ao ser inanimado. [95] Dentre os seres dotados de alma, Aristóteles inclui, além dos humanos, plantas e animais, por compreender que a nutrição de si está no fundamento das manifestações de vida. [96] À cada uma dessas classes de seres, humanos, animais e plantas, correspondem determinadas características da alma, dado que ela é potência e seus atributos são as capacidades dos seres. Com “*Ψυχὴ αἰσθητικὴ*”, *psique áisthetike*, Bastian refere-se a uma das potências da alma, a de *αἴσθησις*, *aisthêsis*, que pode ser traduzida por “percepção sensível”, e é a aquisição de conhecimentos através dos sentidos. [97] A noção de percepção sensível é fundamental para a noção de alma e a de corpo do filósofo grego, além de ser relevante para compreender a capacidade de quem percebe e as qualidades do que é percebido. Assim, para Bastian, o que é universal, portanto natural, no gênero humano, não é apenas o modo de funcionamento da mente e sua capacidade de gerar distinções culturais, mas também certos atributos da alma. Caberia aos investigadores da obra de Bastian buscar em seus escritos tardios a influência de Aristóteles e, caso necessário, rever algumas de suas disposições teóricas à luz da filosofia natural aristotélica. Aliás, segundo von den Steinen, a concepção apriorística de humano adotada por Bastian origina-se em Aristóteles: o homem é um animal político. [98]

Ainda que von den Steinen tenha sido definitivamente alinhado ao projeto intelectual de Bastian e dialogado ao longo da vida implicitamente com ela, o americanista alemão explicitou sua interpretação e a adaptação da arquitetura bastianeana em duas ocasiões: em sua livre-docência, defendida em 1886, e na homenagem obituária ao velho mestre. Na sua tese de livre-docência von den Steinen analisou o material etnográfico sul-americano à luz das teorias de Bastian. Em artigo com quase o mesmo título da tese, intitulado *Erfahrungen zur Entwicklungsgeschichte der Völkergedanken*, “Experiências para a história do desenvolvimento dos pensamentos étnicos”, o americanista partiu do pressuposto de compreensão geral da “unidade da descendência única da nossa espécie”. [99] A humanidade toda está conectada não apenas pelo modo de pensar, mas pelos resultados das suas capacidades mentais e é tarefa do etnólogo descobrir, coletar e investigar os “pensamentos fundamentais”. [100] Von den Steinen compreende dessa maneira o surgimento da linguagem, do pensamento mítico e da alma, as concepções ameríndias da natureza e as

transformações interespecie descobertas por ele. Embora o americanista ainda classifique os povos indígenas como sendo da idade da pedra, categorização posteriormente abandonada, ele vê poder poético em sua mitologia. Assim, von den Steinen desenvolve a hipótese de Bastian ao postular que a humanidade compartilha de alguns princípios mentais básicos, os pensamentos elementares, que originam pensamentos étnicos, os quais, por sua vez, se desenvolvem em pensamentos culturais: “O simples pensamento étnico, que por toda parte é igual, dá lugar ao infinitamente variável pensamento cultural”. [101] O etnólogo seria responsável, portanto, não apenas de investigar as questões etnográficas locais, mas também por compreender as conexões entre os homens e seus pensamentos.

Na homenagem póstuma a Bastian, o americanista revela anedotas sobre a personalidade retraída e os hábitos singulares do velho mestre. Ele enumera suas viagens e livros, e não deixa de salientar a escrita obscura e complicada que caracteriza sua vasta e às vezes confusa obra. [102] O charme excêntrico de Bastian era capaz de conquistar jovens cientistas, como o próprio von den Steinen o fora, para a antropologia. Bastian não foi apenas decisivo na alteração da rota de vida de von den Steinen, mas ele impactou-o significativamente. Mais de uma década após o falecimento do velho mestre, von den Steinen escreveu emocionado a Boas: “Anteontem Bastian teria feito 90 anos. Quem ainda pensa nele? Dizem que seu túmulo parece muito negligenciado”. [103]

Em 1905 von den Steinen também abandonou seu cargo no museu, para se dedicar à análise do material de sua expedição, à pesquisa em museus etnográficos europeus que contivessem peças das Ilhas Marquesas, o que levou-o a visitar praticamente todas as instituições do continente europeu e as mais importantes dos Estados Unidos, e, por fim, à redação de sua trilogia sobre a arte marquesa. [104] Seus progressivos afastamentos da universidade e do museu também decorriam do seu estado físico. Da estação de saúde de Karlsbad, em que em anos anteriores sua esposa foi tratar de fortes “ataques de bile” e nos anos seguinte o seria outras vezes, von den Steinen confessou a Boas que “afligido por gota” sua “capacidade de trabalho” diminuiu “sensivelmente”, por isso “infelizmente eu submeti minha despedida em primeiro de abril. As pessoas ainda levam isso a mal para o meu lado”. [105]

## Primeira Guerra Mundial (1914-18) e pós-guerra

Até início da Primeira Guerra Mundial (1914-18), von den Steinen alternou períodos de intensa participação na sociedade de antropologia e em sua revista, com hiatos decorrentes de seu estado de saúde. Em 1908 ele foi eleito para se tornar presidente da sociedade alemã de antropologia, a Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, cargo que ele ocupou por três anos consecutivos, além de atender ativamente tanto a congressos de antropologia, quanto de geografia. [106] Porque uma nova reeleição infringiria o estatuto da sociedade, em 1911 ele voltou a ocupar o posto de suplente da presidência, além de ser parte da comissão da revista. [107] Sua coleção de homenagens obteve um acréscimo notável: a placa Rudolf Virchow (*Rudolf-Virchow-Plakette*), a maior honraria da sociedade alemã de antropologia. [108] No final deste ano, no entanto, ele precisou abdicar de sua

participação nas direções da sociedade e da revista para o próximo ano, em decorrência de problemas de saúde, restringindo sua atividade ao comitê. Em 1912 ele teve, segundo o etnólogo Konrad Theodor Preuss (1869-1938), um ataque dos nervos, obrigando-o a deixar o cargo na sociedade de antropologia. Ele passou a evitar as pessoas ao máximo. [109] O etnólogo ficava cada vez mais deprimido, e durante um ano estava tão abatido que sequer conseguia trabalhar. [110] Algo difícil de acreditar até mesmo para seus colegas, como Preuss, que conheceram seu vigor: “Ele me dá uma impressão completamente diferente daquela de antigamente e ele não se faz mais tão notado como antes”. [111] No ano seguinte, ele foi capaz de retomar algo de suas atividades ao representar a sociedade de geografia na direção da Rudolf-Virchow-Gesellschaft, a fundação Rudolf Virchow, e encontrou-se com Boas em Berlim para fins acadêmicos. [112]

No ano em que eclodiu a guerra, o americanista retornou ao comitê da sociedade e à comissão da revista. [113] Ele ainda participou do primeiro congresso de etnologia e etnografia na Universidade de Neuchâtel, na Suíça. [114] Mas foi precisamente neste ano que von den Steinen sofreu a primeira perda pessoal que ocorreria ao longo da grande guerra. Paul Ehrenreich, seu amigo e companheiro de expedição, faleceu em 4 de abril de 1914, aos 59 anos, vítima de um ataque cardíaco. [115] Karl von den Steinen vivenciava a guerra através de seus três filhos, Hellmuth, Wolfram e Rainer, convocados para lutar no front. [116] Em agosto de 1915, relatou o americanista a Koch-Grünberg, que “soltaram os meninos para cima dos russos”. [117] Ao final do ano, Wolfram foi enviado para outro lugar e Hellmuth “voltou para casa, para ser operado na barriga de ambos os lados”. [118] Com a dispensa do serviço militar, ele poderia se mudar para os Balcãs, pois aprendera búlgaro e turco e obtivera seu certificado de tradutor. [119] De fato, no ano seguinte ele foi estudar línguas antigas em Sofia, capital da Bulgária. [120] Após passar um bom tempo no leste, Wolfram matriculou-se em um curso de aspirante a oficial. Rainer, no entanto, nunca voltou para casa. No já fragilizado von den Steinen a notícia da morte do filho de 18 anos teve um efeito devastador. [121]

O etnólogo mantinha-se cada vez mais recluso e durante a guerra limitou sua participação na revista e na sociedade de antropologia ao comitê de redação. [122] Nem mesmo aos inflamados debates ele assistia. Ainda assim, ele publicou um artigo sobre mitologia polinésia. [123] Ele estava de tal maneira deprimido, que passava longos períodos sequer responder a correspondências de colegas a amigos. [124] A Boas ele confessou que simplesmente não tinha condições para reunir forças para escrever uma carta: “O senhor não sabe como é difícil para mim”. [125] Pesavam sobre ele, além da tragédia social e humana desencadeada pela guerra e que confluía para seu lar com a morte de seu filho, a progressiva deterioração de sua saúde. Diante de tamanho sofrimento e tantas perdas humanas, “não há um homem sério entre nós, que no seu interior não estaria abalado”. [126] Von den Steinen não foi tomado pela febre de guerra que acometeu muitos de seus compatriotas, mas o conflito bélico influenciou tanto seu patriotismo quanto a decepção para com as nações inimigas, em especial, os Estados Unidos, que embora só tenham adentrado na guerra no último biênio, antes disso não eram aliados da nação Guilhermina. Ele revelou seu

descontentamento a Boas, um alemão residente na América, como tantos outros milhares: “Acumulou-se em mim um ressentimento contra os seus Estados Unidos, precisamente porque eu amava-os e honrava-os e contra isso luta a ética mais razoável, que diz que devemos buscar uma união cada vez mais próxima com os nossos corajosos conterrâneos aí”. [127] A eminente interrupção nas amizades internacionais e o posicionamento em lados opostos de companheiros que contribuíam para um ideal em comum, bem como os efeitos catastróficos disso para a ciência antropológica escalonaram o abatimento do americanista. [128] Afastado da vida acadêmica, von den Steinen abandonou sua rotina de estudos, e lia apenas jornais. [129] A Boas ele confessou que “vivía quase tão recluso do mundo” com em sua época o velho Bastian. [130]

Além do artigo sobre Orfeu ele não produziu textos acadêmicos durante um longo período de tempo – até mesmo a resenha sobre o primeiro volume da grande obra de Koch-Grünberg, “Do Roraima ao Orinoco”, não é de sua autoria, mas de Eduard Seler. [131] Von den Steinen não se refugiou apenas em sua casa, ou nos seus longos silêncios, mas também em um mundo fantasioso: ele enviou a Boas uma pequena obra, um *opusculum* que ele escreveu, uma história em que seria possível aos homens possuir a magia da lua por um pouquinho de tempo. [132]

Após o fim da guerra, von den Steinen retomou algumas de suas atividades administrativas na sociedade de antropologia e na revista. Em 1919 ele tornou-se segundo presidente da Fundação Rudolf Virchow e no ano seguinte tornou a representar para essa instituição a sociedade alemã de geografia, posição ocupada pelos próximos quatro anos. Em 1920 ele também voltou ao cargo de membro do comitê da revista, e dois anos mais tarde, tornou-se seu chefe.

Embora o americanista tivesse reassumido as atividades acadêmicas, problemas de saúde e o lento esfacelamento de seu patrimônio pela crise econômica impediam que ele se dedicasse inteiramente à antropologia. Após mais de dois meses de espera por notícias do amigo, Boas reclamou a von den Steinen: “Se o senhor soubesse quão ansioso eu estou por ter notícias diretas suas, o senhor me escreveria”. [133] O período pós-guerra também foi de grande dificuldade para o etnólogo. Em carta ao americanista sueco Erland Nordenskiöld (1877-1932), ele revelou que durante os anos de conflito era possível “preservar, entre dias bons e ruins, um otimismo saudável”. Com a derrota alemã e as condições do tratado de Versalhes, enfim, era danoso o impacto da política alemã, que “agora ainda nos despedaça e estrangula, depois que ficamos deploravelmente fracos pela desnutrição crônica, e nos levou a um estado de esgotamento, de febre, de delírios”. [134] Se anteriormente von den Steinen confessara a Boas que odiava os Estados Unidos, justamente por amá-los e este amor não ser correspondido em termos nacionais, após a grande guerra, ele escreveu: “Eu não posso negar que uma amargura implacável tanto contra a América neutra quanto contra a inimiga”. [135] Ele julgava que a Alemanha tornava-se uma “colônia da entente”, em que a sociedade alemã empobrecia tão violentamente que mesmo “uma família abastada até então, como a nossa, não conhece um presunto assado há anos. De forma alguma estamos

morrendo de fome, mas infelizmente temos fome constantemente. Aí dançamos, passeamos e conversamos como nunca antes. Estado de esgotamento capital. Escrever neste estado de espírito – e quantas vezes o tentei – é repugnante”. [136] Ele perdeu a fé na humanidade e na justiça e acreditava que o americanismo não se recuperaria das mazelas impostas pela guerra. Assim, a trajetória pessoal e intelectual de von den Steinen revela como posições acadêmicas são tecidas por relações de afeto, preferências pessoais e contextos sociais, e, mais abstratamente, como o fazer antropológico, e a ciência em geral, está imbricado a teias sociais historicamente construídas e subjetivamente mantidas.

Depois da guerra a família de von den Steinen precisou mudar-se da casa que fora construída em 1905 em Steglitz para ser um templo do saber, em que ele era o sumo sacerdote, para uma residência mais humilde e afastada em Wilmersdorf. [137] A Boas ele revelou seus sentimentos em relação à mudança: “A mim tornou-se infinitamente difícil desistir da minha linda casa e do meu amado jardim em Steglitz” e que “a biblioteca embutida aqui com galeria, além de quase todos os livros americanistas” foram vendidos e alugados ao museu de antropologia. [138] Von den Steinen não foi o único intelectual em Belim que precisou vender seus livros e suas obras de arte para arcar com despesas domésticas: a metade da biblioteca de Luschan foi arrematada por aproximadamente 1,5 milhão de marcos – um valor rapidamente consumido pela hiperinflação. [139] A diferença entre o aluguel que ele recebia por sua casa em Steglitz e o que ele pagava em Wilmersdorf tornou-se então a sua principal fonte de renda. [140] Esse rendimento, no entanto, foi muito rapidamente corroído pela inflação. Von den Steinen precisou, por exemplo, pagar para uma boa datilógrafa mais do que seus rendimentos anuais. [141] Em 1921, quando as atividades científicas em Berlim já haviam sido retomadas, ele foi privado delas porque após quase um ano doente ele precisou ser submetido a uma séria cirurgia na bexiga. [142] Por intermédio de Franz Boas, von den Steinen tentou vender sua coleção etnográfica particular das Ilhas Marquesas para algum comprador norte-americano, mas não obteve sucesso. [143] A melancolia que dominava sua vida foi descrita em uma correspondência a Boas: “Nas últimas semanas a minha tensão se dissolveu. Eu reconheço, não é possível de outra maneira: com todo o trabalho apenas pode-se alcançar uma parte daquilo que se deseja alcançar”. [144] Então ele sentenciou: “A vontade de viver diminui”. [145]

Através do esforço coletivo de um pequeno núcleo de etnólogos, sobretudo Boas, Nordenskiöld, Koch-Grünberg e Paul Rivet (1876-1958) ocorreu em 1924 o primeiro congresso dos americanistas após a guerra. Parte das atividades concentrou-se na Holanda, mas o principal se passou em Gotemburgo, no museu do qual Nordenskiöld era diretor. Karl von den Steinen, que ainda era um dos grandes nomes da etnologia americanista, recusou participar do congresso alegando que não seria possível ignorar a paz forçada imposta pelos vencedores da guerra e que os franceses também demoraram muitos anos para se reconciliar com os alemães após a guerra franco-prussiana de 1870-71. [146] Von den Steinen foi convencido pelos colegas, que apelaram para o caráter internacional da etnologia e para a contribuição fundamental que ele poderia dar à sua reconstituição. Sua viagem foi financiada pela comissão organizadora, bem como a de outras figuras relevantes do campo,



como a mesoamericanista Caecilie Seler-Sachs (1855-1935), ou jovens pesquisadores, como o auxiliar do etnólogo Max Schmidt (1874-1950). [147] O encontro de Rivet e von den Steinen representava a unidade dos cientistas, sobressaindo as diferenças de nacionalidade e os conflitos em que seus países se envolveram. Ainda que von den Steinen tenha ido ao congresso na Suécia na condição de patrono do americanismo, sua vida particular continuava despedaçando-se. Ele estava deprimido, sua esposa gravemente adoecida e seu patrimônio familiar praticamente extinto. [148]

O americanista ainda não havia conseguido publicar sua trilogia marquesa. Dadas as dificuldades financeiras vigentes em praticamente todos os setores da sociedade alemã, incluindo institutos de pesquisa, sociedades científicas e editoras, ele não pôde levantar os fundos necessários. A Boas ele confessou que se seu cunhado Ernst Vohsen (1853-1919), cônsul, mandatário de uma organização colonial alemã e editor-chefe da editora berlinense Dietrich Reimer, ele se sentiria mais seguro, pois certamente veria seus livros virem à luz. [149] Apesar disso, von den Steinen manteve suas atuações na sociedade e na revista de antropologia. A partir de 1925, e pelos três anos seguintes, ele ocupou o cargo de editor-chefe da revista de antropologia, e neste ano ele também se tornou membro de honra da sociedade. [150]

Karl von den Steinen só conseguiu publicar sua trilogia marquesa entre 1925 e 1928 por intermédio de seu velho amigo Franz Boas e de sua *Emergency Society for German and Austrian Science* (“Sociedade de emergência para a ciência alemã e austríaca”), bem como de “um velho amigo”, Capistrano de Abreu (1853-1927). [151] A *Emergency Society* de Boas não apenas financiou as edições, como ainda concedeu uma bolsa de pesquisa a von den Steinen, que durou por um período até depois da publicação do terceiro volume. [152] O americanista deu carta-branca a Boas para resolver as questões financeiras envolvendo a obra e a bolsa, mas ciente de que o desdobramento da sua relação com ele em mais uma faceta poderia ofuscar a afeição recíproca, von den Steinen escreveu-lhe para tranquilizá-lo: “a conservação da nossa antiga amizade tem ∞ vezes mais valor para mim do que qualquer coisa comercial”. [153] Ele retomara sua rotina de trabalho, que progredia como não acontecia havia anos. [154]

No entanto, ao final de sua vida a catarata devorava-lhe as vistas e ele precisou demitir a secretária encarregada de ler para ele. [155] Em 1927 von den Steinen vendeu sua amada casa em Steglitz. O contrato de locação expirara, mas os empregados dos antigos locadores recusaram-se a desocupar a casa, obrigando von den Steinen a mover um penoso processo judicial. Tamanho estresse adoeceu o velho etnólogo: “eu fiquei muito doente com isso, e nunca olhei para vida de forma tão sombria”. [156] No ano seguinte, Karl e Eleonora mudaram-se de Berlim para Kronberg im Taunus, na região de Frankfurt am Main. Pela primeira vez em quase quarenta anos o casal ocuparia uma casa nova sem a companhia de ao menos um de seus filhos.

Karl resistiu à ideia de deixar a capital alemã, mas Eleonora desejava para o crepúsculo de suas vidas a paz da natureza envolvente. Ele cedeu aos desejos da esposa e, por fim, conseguiu construir uma rotina tranquila, como contou em sua última carta a Boas:

“Enquanto isso eu converso todo dia com o senhor, quando eu, retornando para casa dos meus passeios, disfruto bem confortavelmente de algumas dúzias de páginas de *Am. Anthropology*; fazê-lo assim, *peu à peu*, traz uma alegria especial, como é com drogas boas. Ergo – muito obrigado”. [157] Em 4 de novembro de 1929, aos 74 anos, o “decano dos exploradores etnográficos sul-americanos”, como foi alcunhado por Nordenskiöld em seu obituário, sucumbiu a um acidente vascular cerebral mortal. [158]

## Referências

### Fontes de arquivo

#### Alemanha

*EM Bln* = *Ethnologisches Museum Berlin (Museu Etnológico de Berlim)*

Acta betreffend die Erwerbung der Sammlung 1. Karl von den Steinen 2. Paul Ehrenreich.  
Pars I.B. Litt: K.

(“Pasta relativa à aquisição da coleção 1. Karl von den Steinen 2. Paul Ehrenreich”)

*ES Mr* = *Nachlass Theodor Koch-Grünberg. Ethnographische Sammlung der Philipps-Universität Marburg (Espólio Theodor Koch-Grünberg. Coleção etnográfica da Universidade de Marburg)*

A1 – A37: Wissenschaftliche Korrespondenz (“Correspondência científica”)

#### Estados Unidos

*APSL* = *American Philosophical Society Library. Philadelphia.*

Franz Boas Papers

#### Suécia

*GU* = *Göteborgs Universitetsbibliotek (Biblioteca da Universidade de Gotenburgo).*

Brevsamling (“Coleção de cartas”).

## Bibliografia

### Literatura primária

BASTIAN, Adolf (1871). “On Cultural Evolution”. In: KÖPPING, Klaus-Peter (1983). *Adolf Bastian and the Psychic Unity of Mankind. The Foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany*. Münster: LIT Verlag, 2005.

BASTIAN, Adolf (1881). “Ethnology and Psychology”. In: KÖPPING, Klaus-Peter (1983). *Adolf Bastian and the Psychic Unity of Mankind. The Foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany*. Münster: LIT Verlag, 2005.

BASTIAN, Adolf (1893-1894). "The folk Idea as Paradigm of Ethnology". In: KÖPPING, Klaus-Peter (1983). *Adolf Bastian and the Psychic Unity of Mankind. The Foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany*. Münster: LIT Verlag, 2005.

BOAS, Franz. "Karl von den Steinen". *Science, New Series*, v. 71, n. 1827, p. 7-8, 1930.

EHRENREICH, Paul. "Mittheilungen über die zweite Xingu-Expedition in Brasilien". *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, v. 22, p. 81-98, 1890a.

EHRENREICH, Paul. *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens. Vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz und Amazonas (Purus-Gebiet) nach eigenen Aufnahmen und Beobachtungen in den Jahren 1887 bis 1889*. Braunschweig: Friedrich Vieweg, 1897a.

GLOBUS. "Kleine Nachrichten". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 89, n. 6, 1906, p. 99-100;

HUMBOLDT, Alexander von. *Kosmos. Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*. Stuttgart e Tübingen: J.B. Gotta'scher Verlag, 1835, v. I.

NORDENSKIÖLD, Erland. "Nécrologie de Karl von den Steinen". *Journal de la Société des Américanistes*. Paris, v. 22, n. 1, 1930, p. 220-227.

INTERNATIONALER AMERIKANISTEN-KONGRESS. VIERZEHNTE TAGUNG. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1904.

KARSTEN, Rafael. *The Civilization of the South American Indians. With special reference to magic and religion*. New York: Alfred A. Knopf, 1926.

MIEßLER, Adolf. "Karl von den Steinen". *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*. Viena e Leipzig, ano XI, p. 473-476, 1889.

SELER, Eduard. "Buchbesprechung Theodor Koch-Grünberg. Vom Roraima zum Orinoco". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.47, 1915.

VIRCHOW, Rudolf. "Buchbesprechung Karl von den Steinen, Durch Central-Brasilien". *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, v. 18, p. 233-234, 1886.

VON DEN STEINEN, Karl. *Über den Antheil der Psyche am Krankheitsbilde der Chorea*. Tese (Doutorado em Medicina). Faculdade de Medicina. Universidade de Estrasburgo, Estrasburgo, França, 1875.

VON DEN STEINEN, Karl. *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1886.

VON DEN STEINEN, Karl. "O Rio Xingú". *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, tomo III, p. 95-97, 1887.

VON DEN STEINEN, Karl. "Erfahrungen zur Entwicklungsgeschichte der Völkergedanken".

*Globus. Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 56, n. 1, 1889, p. 11-15.

VON DEN STEINEN, Karl. *Die Bakairi-Sprache*. Leipzig: K.F. Koehler's Antiquarium, 1892.

VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Jacob Robinson. 'Psychologie der Naturvölker. Ethnographische Parallelen'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.29, 1897a, p. 73.

VON DEN STEINEN, Karl. "Karl v.d. Steinen's ethnographische Forschungsreise in die Südsee". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 71, n. 1, 1897b, p. 364.

VON DEN STEINEN, Karl. "Indianerskizzen von Hercules Florence". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 77, n. 1, 1899, p. 5-9.

VON DEN STEINEN, Karl. "Karl von den Steinen berichtet über den XII. Internationalen Amerikanisten-Congress in Paris". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.32, 1900a, p. 506-507.

VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Schmidt, Pater Wilhelm. 'Über das Verhältnis der melanesischen Sprachen zu den polynesischen und untereinander'". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 78, n. 2, 1900b, p. 130.

VON DEN STEINEN, Karl. "Die Guayaki-Sammlung des Herrn. Dr. v. Weickhman". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.33, 1901a, p. 267-272.

VON DEN STEINEN, Karl. "Die Schraube, keine Eskimoerfindung". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 79, n. 1, 1901b, p. 125-127.

VON DEN STEINEN, Karl. "Hr. Karl von den Steinen demonstriert eine anthropomorphe Todten-Urne von Maracá". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.33, 1901c, p. 387-390.

VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Kurt Lampert 'Die Völker der Erde. Eine Schilderung der Lebensweise, der Sitten, Gebräuche, Feste und Ceremonien aller lebenden Völker'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.34, 1902a, p. 96.

VON DEN STEINEN, Karl. "Urne von Maracá". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.34, 1902b, p. 196.

VON DEN STEINEN, Karl. "Begleitwort". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 83, n. 9, 1903a, p. 125-127.

VON DEN STEINEN, Karl. "Über den XIII. Internationalen Amerikanisten-Kongress in New-York und die ethnographischen Museen im Osten der Vereinigten Staaten". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.35, 1903b, p. 80-92.

VON DEN STEINEN, Karl. "Der 13. Internationale Amerikanistenkongreß in New York". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 81, n. 1, 1903c, p. 130.

VON DEN STEINEN, Karl. "Ausgrabungen am Valenciasee". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 86, n. 7, 1904a, p. 100-107.

VON DEN STEINEN, Karl. "Eine Forschungsreise nach Südamerika". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.36, 1904b, p. 293-299.

VON DEN STEINEN, Karl. *Diccionario Sipibo*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), 1904c.

VON DEN STEINEN, Karl. "Proben einer früheren polynesischen Geheimsprache". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 87, n. 1, 1905a, p. 119-121.

VON DEN STEINEN, Karl. "Gedächtnisrede auf Adolf Bastian". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.37, 1905b, p. 236-249, p. 236.

VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Georg Friederici. 'Skalpieren und ähnliche Kriegergebräuche in Amerika'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.39, 1907, p. 772-773.

VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Theodor Koch-Grünberg. 'Südamerikanische Felszeichnungen'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.40, 1908, p. 838-839.

VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Theodor Koch-Grünberg. 'Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in Nordwest-Brasilien 1903/1905. Erster Band'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v. 41, 1909, p. 588.

VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Paul Ehrenreich. 'Die allgemeine Mythologie und ihre ethnologischen Grundlagen'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.42, 1910a, p. 1000.

VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Theodor Koch-Grünberg. 'Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in Nordwest-Brasilien 1903/1905. Zweiter Band'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.42, 1910b, p. 170

VON DEN STEINEN, Karl. "Orpheus, der Mond und Swinegel". *Zeitschrift des Vereinis für Volkskunde in Berlin*, Vol. I (1915), p. 260-279.

VON DEN STEINEN, Karl. *Die Marquesaner und Ihre Kunst. Studien über die Entwicklung primitiver Südseeornamentik nach eigenen Reiseergebnissen und dem Material der Museen*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), 1925, v. I.

VON DEN STEINEN, Karl. *Die Marquesaner und ihre Kunst. Studien über die Etnwicklung primitiver Südseeornamentik nach eigenen Reiseergebnissen*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), v. II, 1928.

VON DEN STEINEN, Karl. *Die Marquesaner und ihre Kunst. Studien über die Etnwicklung primitiver Südseeornamentik nach eigenen Reiseergebnissen*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), v. III, 1928.

WAITZ, Theodor. *Anthropologie der Naturvölker*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1859, v.I

WUNDT, Wilhelm. *Völkerpsychologie. Eine Untersuchung der Entwicklungsgesetze von Sprache, Mythos und Sitte*. Leipzig: Engelmann, 1900-1920, 10 v.

ZEITSCHRIFT FÜR ETHNOLOGIE, Berlin, v.32, 1900; v.33, 1901; v.34, 1902; v.35, 1903; v.36, 1904; v.37, 1905; v.38, 1906; v.39, 1907; v.40, 1908; v.42, 1910; v.44, 1912; v.46, 1914; v. 57, 1925.

### Literatura secundária

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Política Indigenista no século XIX”. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). *Índios na História do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal da Cultura / FAPESP, 1992.

COELHO, Vera Penteadó (Org.). *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. São Paulo: Edusp, 1993.

DÉLÉAGE, Pierre. “The origin of art according to Karl von den Steinen”. *Journal of Art Historiography*, Birmingham, n. 12, p. 1-33, junho de 2015.

FISCHER, Manuela. “Adolf Bastian’s Travels in the Americas (1875-1876)”. In: FISCHER, Manuela et al. *Adolf Bastian and his Universal Archive of Humanity. The Origins of German Anthropology*. Hildesheim u.a.: Georg Olms Verlag, 2007.

GADAMER, Hans-Georg (1960). *Verdade e Método*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GREGOR, Thomas. “Mehinako”. *Povos Indígenas do Brasil. Instituto Socioambiental*. São Paulo, novembro de 2002. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mehinako>. Acesso em 29.04.2019.

KRAUS, Michael. “...ohne Museum geht es nicht’: zur Geschichte der Völkerkunde in Marburg”. In: VOELL, Stéphane (Org.) “...ohne Museum geht es nicht: Die völkerkundliche Sammlung der Philipps-Universität Marburg”. Marburg: Curupira Verlag, 2001.

KRAUS, Michael. *Bildungsbürger im Urwald. Die deutsche ethnologische Amazonienforschung (1884-1929)*. Marburg: Curupira Verlag, 2004.

KROLL, Frank-Lothar. *Geburt der Moderne. Politik, Gesellschaft und Kultur vor dem Ersten Weltkrieg*. Berlin: be.bra Verlag, 2013.

LIMA, Tânia Stolze; MACEDO, Eric. “Yudjá/Juruna”. *Povos Indígenas do Brasil. Instituto Socioambiental*. São Paulo, novembro de 2011. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yudj%C3%A1/Juruna>. Acesso em 26.04.2019.

PENNY, H. Glenn. *Objects of culture. Ethnology and Ethnographic Museums in Imperial Germany*. Chapel Hill, Londres: The University of North Carolina Press, 2002.

PETSCHLIES, Erik. “Karl von den Steinen’s Ethnography in the Context of the Brazilian Empire”. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 543-569, mai-ago, 2018.



PETSCHELIES, Erik. *As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)*. Tese (Doutorado em antropologia social), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

PICCHI, Debra S.. “Nahukwá”. *Povos Indígenas do Brasil*. Instituto Socioambiental. São Paulo, fevereiro de 2003. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nahukw%C3%A1>. Acesso em 29.04.2019.

PINHEIRO, Cláudio; SCHRÖDER, Peter; VERMEULEN, Han. “Introduction: The German Tradition in Latin American Anthropology”. Special issue da *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 62, n. 1, 2019.

REIS, Maria Cecília Gomes dos. “Introdução”. *Aristóteles. De Anima*. Apresentação, notas e tradução por Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

RINGER, Fritz K. (1969). *Die Gelehrten. Der Niedergang der deutschen Mandarine, 1890-1933*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1987.

SCHADEN, Egon. “Pioneiros alemães na exploração etnológica do Alto Xingu”. In: COELHO, Vera Penteadó (Org). *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. São Paulo: Edusp, 1993, p. 114.

SCHÖN, Erich. “Leserstoffe, Leserorte, Leserschichten”. In: GLASER, Albert; VAJDA, György M. (Org.). *Die Wende von der Aufklärung zur Romantik 1760-1820: Epoche im Überblick*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRONCARELLI, Maria Cristina; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Yawalapiti”. *Povos Indígenas do Brasil*. Instituto Socioambiental. São Paulo, abril de 2003. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yawalapiti>. Acesso em 29.04.2019.

VERMEULEN, Han. *Before Boas: The Genesis of Ethnography and Ethnology in the German Enlightenment*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 2015.

VIERTLER, Renate Brigitte. “Karl von den Steinen’s Ethnographic Research among Indigenous Peoples in Brazil, 1884-1888”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 62, n. 1, p. 97-117, 2019.

VIERTLER, Renate. “Karl von den Steinen o estudo antropológico dos Bororos”. In: COELHO, Vera Penteadó (Org). *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. São Paulo: Edusp, 1993.

VON DEN STEINEN, Ulrich. *Expeditionsreisen am Amazonas. Der Ethnologe Karl von den Steinen (1855-1929)*. Köln, Weimar, Wien: Böhlau Verlag, 2010.

---

[1] Agradeço a Frederico Delgado Rosa e Christine Laurière pelo incentivo e pela leitura crítica, a Han Vermeulen e Marta Amoroso pelo apoio, a Diego Villar pelos comentários e a Héllen Bezerra pelo suporte, pelo interesse, pela presença. Este ensaio biográfico foi produzido no âmbito de uma pesquisa de pós-doutorado, desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP) e com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2019 / 18641-9. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP. Dedico este ensaio a meu pai, que gostava muito do “Steini”.

[2] MIEßLER, Adolf. “Karl von den Steinen”. *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*. Viena e Leipzig, ano XI, p. 473-476, 1889, p.473.

[3] RINGER, Fritz K. (1969). *Die Gelehrten. Der Niedergang der deutschen Mandarine, 1890-1933*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1987, p. 23-24; SCHÖN, Erich. “Leserstoffe, Leserorte, Leserschichten”. In: GLASER, Albert; VAJDA, György M. (Org.). *Die Wende von der Aufklärung zur Romantik 1760-1820: Epoche im Überblick*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, p. 77.

[4] KROLL, Frank-Lothar. *Geburt der Moderne. Politik, Gesellschaft und Kultur vor dem Ersten Weltkrieg*. Berlin: be.bra Verlag, 2013, p. 71.

[5] KRAUS, Michael. *Bildungsbürger im Urwald. Die deutsche ethnologische Amazonienforschung (1884-1929)*. Marburg: Curupira Verlag, 2004, p. 450-452.

[6] VON DEN STEINEN, Karl. *Über den Antheil der Psyche am Krankheitsbilde der Chorea*. Tese (Doutorado em Medicina). Faculdade de Medicina. Universidade de Estrasburgo, Estrasburgo, França, 1875.

[7] VON DEN STEINEN, Ulrich. *Expeditionsreisen am Amazonas. Der Ethnologe Karl von den Steinen (1855-1929)*. Köln, Weimar, Wien: Böhlau Verlag, 2010, p. 5.

[8] FISCHER, Manuela. “Adolf Bastian’s Travels in the Americas (1875-1876)”. In: FISCHER, Manuela et al. *Adolf Bastian and his Universal Archive of Humanity. The Origins of German Anthropology*. Hildesheim u.a.: Georg Olms Verlag, 2007, p. 201.

[9] PENNY, H. Glenn. *Objects of culture. Ethnology and Ethnographic Museums in Imperial Germany*. Chapel Hill, Londres: The University of North Carolina Press, 2002, p. 20.

[10] KRAUS, 2004, p. 31; MIEßLER, 1889, p.474.

[11] VON DEN STEINEN, U., 2010, p. 9.

[12] VON DEN STEINEN, Karl. *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1886, p. VII.

[13] BOAS, Franz. “Karl von den Steinen”. *Science*, New Series, v. 71, n. 1827, p. 7-8, 1930, p. 7.

[14] Uma análise mais sistemática dessa expedição de Karl von den Steinen, bem como das demais que se seguiram até 1929, dos seus resultados científicos e de sua ressonância na antropologia americanista, encontra-se em PETSCHLIES, Erik. *As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)*. Tese (Doutorado em antropologia social), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. O trabalho fundamental de Kraus (2004) também precisa ser conferido. Recentemente Renate Viertler dedicou um artigo analítico ao trabalho de campo de von den Steinen: VIERTLER, Renate. “Karl von den Steinen’s ethnographic research among indigenous peoples in Brazil, 1884-1888”. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 62, n. 1, 2019, p. 97-117. Vale conferir também o dossiê na Revista de Antropologia da USP recentemente dedicado aos etnólogos alemães: PINHEIRO, Cláudio; SCHRÖDER, Peter; VERMEULEN, Han. “Introduction: The German Tradition in Latin American Anthropology”. Special issue da *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 62, n. 1, 2019.

[15] Karl von den Steinen a Adolf Bastian, 15.10.1883, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich.

[16] HUMBOLDT, Alexander von. *Kosmos. Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*. Stuttgart e Tübingen: J.B. Gotta’scher Verlag, 1835, v. I, p. 1.

[17] VON DEN STEINEN, 1886, p. 21; “Beim Studium der Verhältnisse der Provinz Matto Grosso musste sich als ideales Project naturgemäss die Route Cuyabá-Amazonas aufrängen, nur sei in erster Linie der Fluss Xingú ein schöner, vielleicht zu verwirklichender Traum erscheinen.” Karl von den Steinen a Theodor Bracht, 02.03.1884, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich.

[18] VON DEN STEINEN, 1886, p. 23; Karl von den Steinen a Adolf Bastian, 02.05.1884, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich.

[19] Um aprofundamento do entrelaçamento entre pesquisa de campo e contexto político pode ser encontrado em PETSCHLIES, Erik. “Karl von den Steinen’s Ethnography in the Context of the Brazilian Empire”. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 543-569, mai-ago, 2018.

[20] SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 125ss.

[21] CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Política Indigenista no século XIX”. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). *Índios na História do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal da Cultura / FAPESP, 1992.

[22] “Nun weiss ich wohl, dass dies leicht ein unglücklicher Factor in der Rechnung werden könnte, allein wir sind mit unseren beschränkten Mitteln nicht im Stande, die nöthingen Begleiter, “Kamaraden”, wie sie hier heissen, zu engagieren. [...]” Karl von den Steinen a Adolf Bastian, 02.05.1884, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich.

[23] KRAUS, 2004, p. 116.

[24] KRAUS, 2004, p. 116.

[25] VON DEN STEINEN, 1886, p. 13.

[26] Conhecidos na literatura etnográfica por Bakairi, esse povo de língua Karib autodenomina-se *Kurâ*, cf. BARROS, Edir Pina. “Bakairi”. *Povos Indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental*. São Paulo, junho de 1999. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bakairi>. Acesso em 26.04.2019. no presente artigo, primeiramente será apresentado o nome étnico cunhado pelos americanistas e em seguida, quando possível, serão adotados os nomes pelos quais os povos ficaram conhecidos. Em citações diretas serão expostos os nomes tais como empregados originalmente; VON DEN STEINEN, 1886, p. 101.

[27] Atualmente também chamado de Rio Tamitotoala.

[28] VON DEN STEINEN, 1886, p. 203-204.

[29] Os Juruna, que se autodenominam Yudjá, são um povo de língua Tupi, cf. LIMA, Tânia Stolze; MACEDO, Eric. “Yudjá/Juruna”. *Povos Indígenas do Brasil. Instituto Socioambiental*. São Paulo, novembro de 2011. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yudj%C3%A1/Juruna>. Acesso em 26.04.2019.

[30] KRAUS, 2004, p. 116.

[31] VON DEN STEINEN, U., 2010, p. 28; VON DEN STEINEN, 1886, p.280.

[32] Karl von den Steinen a Adolf Bastian, 27.01.1885, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich.

[33] Karl von den Steinen a Prof. Eberth 25.02.1885, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich; Karl von den Steinen a Prof. Eberth 09.03.1885, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich.

[34] MIEßLER, 1889, p.476.

[35] VIRCHOW, Rudolf. “Buchbesprechung Karl von den Steinen, Durch Central-Brasilien”. *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlim, v. 18, p. 233-234, 1886.

[36] PETSCHELIES, 2019, p. 103.

[37] VON DEN STEINEN, U., 2010, p. 30.

[38] KRAUS, 2004a, p. 57.

[39] VON DEN STEINEN, 1894, p. VI.

[40] VON DEN STEINEN, 1894, p. 2.

[41] VON DEN STEINEN, Karl. “O Rio Xingú”. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, tomo III, p. 95-97, 1887.

[42] “Bugre” era uma denominação genérica para denominar povos indígenas do sul do Brasil. Em

contextos específicos pode se referir aos Kaingang, grupo de língua Jê distribuídos entre os estados meridionais brasileiros.

[43] “In dreien befinden sich die Steinwerkzeuge, Schichtproben und Schädel, in der vierten Bogen und Pfeile [...] Es liegt uns natürlich absolut fern, ein Geschäft machen zu wollen, wir sind nur freiwillige Agenten des Museums, die aber wenigstens einen Theil ihrer directen Ausgaben sich ersetzen lassen müssen. Wir überlassen die Sammlung dem Museum für tausend Mark [...]”. Karl von den Steinen a Adolf Bastian, 28.05.1885, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich, grifos originais.

[44] VON DEN STEINEN, 1894, p. 11-12.

[45] VON DEN STEINEN, 1894, p. 112-115.

[46] VON DEN STEINEN, 1894, p. 138.

[47] Os Paresí falam uma língua Aruaque e os Bororo, que se autodenominam Boe, são falantes de uma língua pertencente ao tronco Macro-Jê.

[48] VON DEN STEINEN, 1894, p. 441-446.

[49] “Die Sammlung rührt von bisher unbekanntem Stämmen her, welche noch in präcolombianischer Steinzeit leben [...]”. Karl von den Steinen a Adolf Bastian, 22.05.1888, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich.

[50] HERMANNSTÄDTER, 2002a, p. 77.

[51] VON DEN STEINEN, Karl. *Die Bakairi-Sprache*. Leipzig: K.F. Koehler's Antiquarium, 1892.

[52] DÉLÉAGE, Pierre. “The origin of art according to Karl von den Steinen”. *Journal of Art Historiography*, Birmingham, n. 12, p. 1-33, junho de 2015; PETSCHLIES, 2019.

[53] VON DEN STEINEN, U., 2010, p. 92-93.

[54] VON DEN STEINEN, 1889.

[55] GADAMER, Hans-Georg (1960). *Verdade e Método*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p. 43-44. Agradeço a Diego Villar pelo apontamento.

[56] GADAMER, 1960, p. 356-370.

[57] KRAUS, Michael. “...ohne Museum geht es nicht’: zur Geschichte der Völkerkunde in Marburg”. In: VOELL, Stéphane (Org.) “...ohne Museum geht es nicht: Die völkerkundliche Sammlung der Philipps-Universität Marburg”. Marburg: Curupira Verlag, 2001, p. 37.

[58] VON DEN STEINEN, U., 2010, p. 94.

[59] Karl von den Steinen a Franz Boas, 27.11.1893, APSL, Mss. B.B61.

[60] "Sitzung vom 2. Dezember 1893". In: *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde*. Berlin, v. 28, n. 10, p. 508; VON DEN STEINEN, U., 2010, p. 95.

[61] "Denn die Passion für die Südseeinseln theile ich mit den Segelcapitänen, die sich ja auch nirgendwo wohler fühlen also unter den Kanakers". Karl von den Steinen a Herr Professor, 02.07.1885, EM Bln, Acta Von den Steinen / Ehrenreich. Kanaka eram nativos das ilhas do Pacífico Sul, empregados para trabalhar nas colônias britânicas.

[62] VON DEN STEINEN, Karl. "Karl v.d. Steinen's ethnographische Forschungsreise in die Südsee". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 71, n. 1, 1897, p. 364.

[63] VON DEN STEINEN, Karl. *Die Marquesaner und Ihre Kunst. Studien über die Entwicklung primitiver Südseeornamentik nach eigenen Reiseergebnissen und dem Material der Museen*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), 1925, v. I.

[64] Karl von den Steinen a Franz Boas, 01.08.1897, APSL, Mss. B.B61.

[65] VON DEN STEINEN, Karl. "Karl von den Steinen berichtet über den XII. Internationalen Amerikanisten-Congress in Paris". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.32, 1900, p. 506-507.

[66] VON DEN STEINEN, Karl. "Über den XIII. Internationalen Amerikanisten-Kongress in New-York und die ethnographischen Museen im Osten der Vereinigten Staaten". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.35, 1903, p. 80-92; VON DEN STEINEN, Karl. "Der 13. Internationale Amerikanistenkongreß in New York". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 81, n. 1, 1903, p. 130.

[67] Karl von den Steinen a Franz Boas, 20.02.1899, APSL, Mss. B.B61.

[68] Karl von den Steinen a Franz Boas, 09.04.1900, APSL, Mss. B.B61.

[69] Franz Boas e Karl von den Steinen, 26.10.1903, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 10.11.1903, APSL, Mss. B.B61;

[70] PENNY, 2002, *passim*.

[71] "[...] mit unserem lumpigen Jahresetat, der für den Ankauf einer einzigen anständigen Sammlung gerade ausreicht". Karl von den Steinen a Franz Boas, 24.07.1905, APSL, Mss. B.B61.

[72] "[...] rührt keiner auch nur einen Finger, weder fürs Bezahlen noch fürs Bearbeiten". Karl von den Steinen a Franz Boas, 24.07.1905, APSL, Mss. B.B61.

[73] Franz Boas e Karl von den Steinen, 24.07.1903, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 12.10.1903, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 19.10.1903, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 23.10.1903, APSL, Mss. B.B61; Franz Boas e Karl von den Steinen, 26.10.1903, APSL,



Mss. B.B61; Franz Boas a Karl von den Steinen, 14.12.1903, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 23.12.1903, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 11.01.1904, APSL, Mss. B.B61; Franz Boas a Karl von den Steinen, 05.02.1904, APSL, Mss. B.B61; Franz Boas a Karl von den Steinen, 23.02.1904, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 10.03.1904, APSL, Mss. B.B61; Franz Boas a Karl von den Steinen, 14.03.1904, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 14.03.1904, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 15.03.1904, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 15.03.1904, APSL, Mss. B.B61; Franz Boas a Karl von den Steinen, 25.03.1904, APSL, Mss. B.B61; Franz Boas a Karl von den Steinen, 01.04.1904, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 02.04.1904, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 20.04.1904, APSL, Mss. B.B61; Franz Boas a Karl von den Steinen, 30.04.1904, APSL, Mss. B.B61; Franz Boas a Karl von den Steinen, 11.05.1904, APSL, Mss. B.B61.

[74] INTERNATIONALER AMERIKANISTEN-KONGRESS. VIERZEHNTE TAGUNG. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1904.

[75] VON DEN STEINEN, Karl. "Die Guayakí-Sammlung des Hern. Dr. v. Weickhman". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.33, 1901, p. 267-272; VON DEN STEINEN, Karl. "Hr. Karl von den Steinen demonstriert eine anthropomorphe Toten-Urne von Maracá". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.33, 1901, p. 387-390; VON DEN STEINEN, Karl. "Urne von Maracá". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.34, 1902, p. 196.

[76] VON DEN STEINEN, Karl. "Eine Forschungsreise nach Südamerika". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.36, 1904, p. 293-299; GLOBUS. "Kleine Nachrichten". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 89, n. 6, 1906, p. 99-100; VON DEN STEINEN, Karl. "Ausgrabungen am Valenciasee". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 86, n. 7, 1904, p. 100-107.

[77] VON DEN STEINEN, Karl. "Indianerskizzen von Hercules Florence". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 77, n. 1, 1899, p. 5-9; VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Schmidt, Pater Wilhelm. 'Über das Verhältnis der melanesischen Sprachen zu den polynesischen und untereinander'". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 78, n. 2, 1900, p. 130; VON DEN STEINEN, Karl. "Die Schraube, keine Eskimoerfindung". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 79, n. 1, 1901, p. 125-127; VON DEN STEINEN, Karl. "Begleitwort". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 83, n. 9, 1903, p. 125-127; VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Jacob Robinson. 'Psychologie der Naturvölker. Ethnographische Parallelen'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.29, 1897, p. 73; VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Kurt Lampert 'Die Völker der Erde. Eine Schilderung der Lebensweise, der Sitten, Gebräuche, Feste und Ceremonien aller lebenden Völker'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.34, 1902, p. 96; VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Georg Friederici. 'Skalpieren und ähnliche Kriegsgebräuche in Amerika'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.39, 1907, p. 772-773; VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Theodor Koch-Grünberg. 'Südamerikanische Felszeichnungen'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.40, 1908, p. 838-839; VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Theodor Koch-Grünberg. 'Südamerikanische Felszeichnungen'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.40, 1908, p. 838-839; VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Theodor Koch-Grünberg. 'Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in Nordwest-Brasilien 1903/1905. Erster Band'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v. 41, 1909, p. 588; VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Theodor Koch-Grünberg. 'Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in Nordwest-Brasilien 1903/1905. Zweiter Band'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.42, 1910, p. 170; VON DEN STEINEN, Karl. "Buchbesprechung Paul Ehrenreich. 'Die allgemeine Mythologie und ihre ethnologischen Grundlagen'". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.42, 1910, p. 1000.

[78] *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.33, 1901, p. 28; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.33, 1901, p. 448; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.36, 1904, p. VIII; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.36, 1904, p. VIII; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.32, 1900, p. 165, p. 302; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.33, 1901, p. 273; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.34, 1902, p. 195; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.35, 1903, p. 499; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.36, 1904, p. 453; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.39, 1907, p. 403.

[79] *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.37, 1905, p. 1; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.38, 1906, p. IX; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v.38, 1906, p. 1020.

[80] VON DEN STEINEN, Karl. *Diccionario Sipibo*. Berlim: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), 1904. Shipibo é uma língua da Amazônia peruana. VON DEN STEINEN, Karl. "Proben einer früheren polynesischen Geheimsprache". *Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, Braunschweig, v. 87, n. 1, 1905, p. 119-121.

[81] "Gretchenfrage. Sag' mir, Heinrich!", Karl von den Steinen a Franz Boas, 11.06.1904, APSL, Mss. B.B61. A tradução literal é para o termo empregado por von den Steinen é "pergunta de Margarida", pois trata-se de uma referência à cena de Fausto do Goethe, em que a personagem principal, Fausto, é interpelada pelo seu amor, Margarida em português e Gretchen em alemão, que questiona sua posição frente à religião.

[82] "Ich muss wissen, höre ich, ob Sie getauft sind oder es eventuell sein werden. Bitte, schreiben Sie mir darüber *umgehend*, da ich die auch mir sehr wichtige Rücksprache mit Richthofen nicht haben kann, ohne zu wissen, ob hier das unter Althoffs Regiment *absolut unüberwindl.* Hindernis vorliegt". Von den Steinen refere-se às reformas universitárias empreendidas por Friedrich Althoff (1839-1908), que embora não fosse ministro da Educação e da Cultura, influenciava fortemente as políticas educacionais prussianas, ao ponto de escolher pessoalmente os candidatos que ocupavam cargos universitários.

[83] "Es zu erreichen wird mit den hier gegebenen Kräften ein unabseh. ferne Geschick. Luschan ins Anthropolog Selser Loubatprofessor Ehrenreich wird höchstens Extraord. nur ist deshalb eine Gefahr, wenn diese Erneung *jetzt* erfolgen würde, ganz bestimmt erst recht kein Fortschritt möglich wäre. Auch Sie haben nur Chancen, wenn die leidige Religionsfrage *nicht* besteht. Da ich Ihnen dies geschrieben habe, [müssen] Sie es auch wissen, dass alle anderen Punkte nur Schwierigkeiten, dieser aber eine Unmöglichkeit bedeutet, so begnüge ich mich mit Ihren Schweigen zu eben ihm und Ihrem Verweilen bei den anderen. Der Teufel hole alle Vorurteile, auch Ihre und die meinen!" Karl von den Steinen a Franz Boas, 12.07.1904, APSL, Mss. B.B61.

[84] Rasurado.

[85] "Es ist ganz ausgeschlossen, dass ich mich *irgend* wie betreffs meines persönlichen Verhältnisses der von Ihnen angeregten Frage äussere. Da ich seit 19 Jahren meine Tätigkeit ganz auf amerikanisches Gebiet beschränkt habe, während Sie, Selser, von Luschan, Ehrenreich etc. hier sich abgemüht habe, würde ich es für höchst unangebracht halten, wenn ich irgend etwas thäte, dass den Eindruck erwirken könnte, dass ich die Früchte Ihrer Tätigkeit ernten wollte. Meines Erachtens können Sie selbst besser als irgend sonst jemand dem Fach hier an der Universität eine Zukunft eröffnen. Sie sollten sich dabei eben so sehr, vielleicht etwas auf Dilthey, Stumpf, Schmoller stützen, als auf Richthofen, da die entgenannten entschieden ein Verständnis für die allgemeine philosophische Seite der Völkerkunde haben, während

Richtofen's Interesse sich niedergemäss (?) der geographischen Seite zukehrt. Sie müssten sich zwischen beide Gruppen stellen und der jungen Welt eher durch Discussionen als durch systematische Collegen herangehen. Versuchen Sie es nur mal! Unser Erfolgs NY brechen ausschliesslich auf engem Anschluss an Philosophie und Soziologie. Den erwünschten Anschluss an Geschichte habe ich wegen Stumpfsinns unseres Geschichtlers mal nicht machen können. [Benutzen Sie nur die Situation und denken Sie ein Ordinariat heraus.] Ich glaube, bei den genannten Philosophen werden Sie auch Interesse für ein völkerkündliches Ordinariat finden, das dort nachgemacht (?) eine Nothwendigkeit wird". Franz Boas a Karl von den Steinen, 12.07.1904, APSL, Mss. B.B61.

[86] Franz Boas a Karl von den Steinen, 25.05.1905, APSL, Mss. B.B61.

[87] Karl von den Steinen a Franz Boas, 24.07.1905, APSL, Mss. B.B61.

[88] VON DEN STEINEN, U., 2010, p. 125.

[89] Karl von den Steinen a Franz Boas, 01.10.1908, APSL, Mss. B.B61.

[90] "Bastian ist wieder da". Karl von den Steinen a Franz Boas, 17.07.1903, APSL, Mss. B.B61.

[91] "Bastian ist vor etwa 14 Tagen richtig wieder verschwunden. Er hat einen Stenographen und eine Schreibmaschine mitgenommen, sodass er sich wohlfühlen wird, wo immer er landet. Genaueres über sein Reiseziel wusste er selbst nicht. Er meinte 'Aequator'". Karl von den Steinen a Franz Boas, 23.12.1903, APSL, Mss. B.B61.

[92] "Er hat mir schon einen Vortrag über die Seele gehalten, unsere Psyche ist gar keine, es ist die  $\Psi$ . αἰσθητικὴ des Aristoteles, was wir so nennen [...]". Karl von den Steinen a Franz Boas, 17.07.1903, APSL, Mss. B.B61. Pelo auxílio na leitura e na interpretação deste trecho especialmente difícil agradeço a um grupo de filósofos: André Cressoni, Marina Peixoto Soares, Alfredo Rezende e Robson Gabioneta.

[93] BASTIAN, Adolf (1893-1894). "The folk Idea as Paradigm of Ethnology". In: KÖPPING, Klaus-Peter (1983). *Adolf Bastian and the psychic Unity of Mankind. The foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany*. Münster: LIT Verlag, 2005, p. 171; BASTIAN, Adolf (1871). "On cultural Evolution". In: KÖPPING, Klaus-Peter (1983). *Adolf Bastian and the psychic Unity of Mankind. The foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany*. Münster: LIT Verlag, 2005, p. 165; BASTIAN, Adolf (1881). "Ethnology and Psychology". In: KÖPPING, Klaus-Peter (1983). *Adolf Bastian and the psychic Unity of Mankind. The foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany*. Münster: LIT Verlag, 2005, p. 163.

[94] "Er erkundigte sich lebhaft nach Ihnen, er liebt Sie sehr. Ihre Eskimos haben eine Menge Elementargedanken". Karl von den Steinen a Franz Boas, 17.07.1903, APSL, Mss. B.B61.

[95] REIS, Maria Cecília Gomes dos. "Introdução". *Aristóteles. De Anima*. Apresentação, notas e tradução por Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

[96] DA 414b34.

[97] REIS, 2006, p. 10.

[98] VON DEN STEINEN, Karl. "Gedächtnisrede auf Adolf Bastian". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.37, 1905, p. 236-249, p. 236.

[99] VON DEN STEINEN, 1889, p. 11.

[100] VON DEN STEINEN, 1889, p. 11.

[101] VON DEN STEINEN, 1889, p. 14.

[102] VON DEN STEINEN, 1905, p. 236-249.

[103] "Vorgestern wäre Bastian 90 geworden. Wer denkt noch an ihn? Sein Grab soll sehr vernachlässigt ansehen." Karl von den Steinen a Franz Boas, 28.06.1915, APSL, Mss. B.B61.

[104] Karl von den Steinen a Franz Boas, 24.04.1907, APSL, Mss. B.B61.

[105] "Meine Frau hat wieder Anfälle von Gallenkolik [...]". Karl von den Steinen a Franz Boas, 17.07.1903, APSL, Mss. B; Karl von den Steinen a Franz Boas, 24.07.1905, APSL, Mss. B.B61. "[...] von Gicht geplagt war meine empfindlich verminderte Arbeitskraft unglücklich habe ich am 1 April meinen Abschied eingereicht. Die Leute nehmen nur das nebenher auch noch übel". Karl von den Steinen a Franz Boas, 23.04.1906, APSL, Mss. B.B61.

[106] *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.39, 1907, p. 978; *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.40, 1908, p. 566.

[107] *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.42, 1910, p. 982.

[108] *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.44, 1912, p. 809-811.

[109] Konrad Theodor Preuss a Theodor Koch-Grünberg, 10.04.1912, ES Mr, A13, PQ.

[110] Richard Andree a Theodor Koch-Grünberg, xx.01.1912, ES Mr, A13, A.

[111] "Er macht auf mich einen ganz anderen Eindruck wie früher und macht sich auch nicht so bemerkbar wie früher". Konrad Theodor Preuss a Theodor Koch-Grünberg, 02.08.1912, ES Mr, A13, PQ.

[112] Karl von den Steinen a Franz Boas, 24.06.1913, APSL, Mss. B.B61.

[113] *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.46, 1914.

[114] *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.46, 1914, p. 524.

[115] Obituário de Paul Ehrenreich, ES Mr, A16.

[116] Karl von den Steinen a Theodor Koch-Grünberg, 31.05.1915, ES Mr, A19, St.

[117] “[...] auf die Russen losgelassen [...]”. Karl von den Steinen a Theodor Koch-Grünberg, 27.08.1915, ES Mr, A19, St.

[118] Karl von den Steinen a Franz Boas, 29.12.1915, APSL, Mss. B.B61.

[119] “Helmut ist zurückgekommen um sich einen doppelseitigen Bauch operieren zu lassen und wird in wenigen Tagen, nachdem er Bulgarisch und Türkisch erlernt und sein Dolmetscherexamen gemacht hat zum Balkan herauszieht”. Karl von den Steinen a Franz Boas, 29.12.1915, APSL, Mss. B.B61.

[120] Karl von den Steinen a Franz Boas, 26.12.1916, APSL, Mss. B.B61.

[121] Karl von den Steinen a Erland Nordenskiöld, 17.01.1915, GU.

[122] *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.47, 1915.

[123] VON DEN STEINEN, Karl. “Orpheus, der Mond und Swinegel”. *Zeitschrift des Vereinis für Volkskunde in Berlin*, Vol. I (1915), p. 260-279.

[124] Karl von den Steinen a Franz Boas, 28.06.1915, APSL, Mss. B.B61.

[125] “Sie wissen nicht, wie schwer es mir fällt”. Karl von den Steinen a Franz Boas, 29.12.1915, APSL, Mss. B.B61.

[126] “Kein ernster Mensch unter uns, der nicht in seinem innersten Wesen erschüttert wäre”. Karl von den Steinen a Franz Boas, 28.06.1915, APSL, Mss. B.B61.

[127] “Ein ... Groll hat sich auch in mir gegen Ihre V. St. angesammelt, gerade weil ich sie liebte und hoch hielt und vergeblich kämpft hiergegen die venünftige Ethik, die sagt, dass wir mit unseren tapferen Landsleuten drüben um so engeren Zusammenschluss suchen sollten“. Karl von den Steinen a Franz Boas, 29.12.1915, APSL, Mss. B.B61.

[128] Karl von den Steinen a Franz Boas, 28.06.1915, APSL, Mss. B.B61.

[129] Karl von den Steinen a Franz Boas, 28.06.1915, APSL, Mss. B.B61.

[130] “Ich lebe beinahe ebenso zurückgezogen von der Welt”. Karl von den Steinen a Franz Boas, 28.06.1915, APSL, Mss. B.B61.

[131] SELER, Eduard. “Buchbesprechung Theodor Koch-Grünberg. Vom Roraima zum Orinoco”. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.47, 1915.

[132] Karl von den Steinen a Franz Boas, 28.06.1915, APSL, Mss. B.B61.

[133] "If you knew how anxious I am to have direct news from you, you would write to me". Franz Boas a Karl von den Steinen, 10.11.1919, APSL, Mss. B.B61.

[134] "[...] haben wir in guten und schlechten Tagen einen gesunden Optimismus bewahrt [...]". "[...] die uns jetzt, nachdem wir durch chronische Unterernährung erbärmlich geschwächt sind, auch noch zerreisst und erwürgt, hat uns in einem Zustand der Erschöpfung, des Fiebers, der Delirien gebracht". Karl von den Steinen a Erland Nordenskiöld, 19.02.1919, GU.

[135] "Ich kann es nicht leugnen, dass mich gegen das neutrale wie das feindliche Amerika eine unversöhnliche Bitterkeit erfüllt [...]". Karl von den Steinen a Franz Boas, 19.11.1919, APSL, Mss. B.B61.

[136] "[...] eine Kolonie der Entente". "[...] eine soweit wohlhabende Familie wie die unsere seit Jahren keinen Braten Schinken [...] mehr kennt. Wir verhungern keineswegs, aber Hunger leider sind wir durch und durch. Tanzen, bummeln, schwatzen dabei wie nie zuvor. Kap. Erschöpfungszustand. In dieser Stimmung zu schreiben – wie oft habe ich es versucht – wird zum Ekeln". Karl von den Steinen a Franz Boas, 19.11.1919, APSL, Mss. B.B61.

[137] THIEME, 1993, p. 92-93; Karl von den Steinen a Theodor Koch-Grünberg, 25.02.1921, ES Mr, A31, St.

[138] "Mir ist es unendlich schwer geworden mein schönes Haus, meinen geliebten Garten in Steglitz aufzugeben [...] und dass ich die hier eingebaute Bibliothek mit Galeria nebst fast allen amerikanischen Büchern dem Museum für Völkerkunde (jene durch Verkauf, diese als Leihgabe) überwies". Karl von den Steinen a Franz Boas, 05.01.1921, APSL, Mss. B.B61.

[139] Karl von den Steinen a Franz Boas, 14.07.1922, APSL, Mss. B.B61.

[140] Karl von den Steinen a Franz Boas, 06.12.1927, APSL, Mss. B.B61.

[141] Karl von den Steinen a Franz Boas, 14.07.1922, APSL, Mss. B.B61

[142] Karl von den Steinen a Erland Nordenskiöld, 23.04.1924, GU.

[143] Karl von den Steinen a Franz Boas, 14.07.1922, APSL, Mss. B.B61.

[144] "In den letzten Wochen hat sich meine Spannung gelöst, ich erkenne, es ist nicht anders möglich, als dass Sie mit all Ihrer Arbeit nur ein Teil von dem erreichen können, was Sie erreichen möchten". Karl von den Steinen a Franz Boas, 11.05.1923, APSL, Mss. B.B61.

[145] "Die Lust zu leben flaut ab". Karl von den Steinen a Franz Boas, 11.05.1923, APSL, Mss. B.B61.

[146] Karl von den Steinen a Theodor Koch-Grünberg, 25.07.1920, ES Mr, A29, St.

[147] Theodor Koch-Grünberg a Erland Nordenskiöld, 04.02.1924, ES Mr, A37, N.

[148] Karl von den Steinen a Theodor Koch-Grünberg, 16.04.1924, ES Mr, A37, St.



[149] Karl von den Steinen a Franz Boas, 14.07.1922, APSL, Mss. B.B61.

[150] Zeitschrift Für Ethnologie, v. 57, 1925, p. 155.

[151] VON DEN STEINEN, Karl. *Die Marquesaner und ihre Kunst. Studien über die Entwicklung primitiver Südseeornamentik nach eigenen Reiseergebnissen*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), v. I, 1925, p. II; VON DEN STEINEN, Karl. *Die Marquesaner und ihre Kunst. Studien über die Entwicklung primitiver Südseeornamentik nach eigenen Reiseergebnissen*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), v. II, 1928; VON DEN STEINEN, Karl. *Die Marquesaner und ihre Kunst. Studien über die Entwicklung primitiver Südseeornamentik nach eigenen Reiseergebnissen*. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), v. III, 1928.

[152] Karl von den Steinen a Franz Boas, 19.04.1927, APSL, Mss. B.B61.

[153] “[...] die Pflege unsere alten Freundschaft ∞ mehr gilt als alles Geschäftliches“. Karl von den Steinen a Franz Boas, 09.11.1922, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 24.02.1923, APSL, Mss. B.B61.

[154] Karl von den Steinen a Franz Boas, 02.04.1926, APSL, Mss. B.B61; Karl von den Steinen a Franz Boas, 17.05.1926, APSL, Mss. B.B61.

[155] THIEME, 1993, p. 93.

[156] “[...] ich bin darüber ganz krank geworden und habe nie so trübeselig in's Leben gesehen“. Karl von den Steinen a Franz Boas, 06.12.1927, APSL, Mss. B.B61.

[157] “Inzwischen unterhalte ich mich täglich mit Ihnen, indem ich, vom Spaziergang heimkommend, in besondere Behaglichkeit ein Dutzend Seiten Am. Anthropology genieße; es macht nur besondere Freude das so peu à peu zu treiben, wie es sich mit guten Drogen gehört. – Ergo, vielen Dank“. Karl von den Steinen a Franz Boas, 15.12.1928, APSL, Mss. B.B61.

[158] NORDENSKIÖLD, Erland. “Nécrologie de Karl von den Steinen“. *Journal de la Société des Américanistes*. Paris, v. 22, n. 1, 1930, p. 220-227.